

PINCELADOS DO ALÉM

DE

José Manuel Gonçalves Silva

**À Feiticeira não deixarás que viva.**

Êxodos

É quase meia-noite, faltam somente uns míseros 7 minutos, e lá no alto as nuvens estão tapando o céu com medo, apenas a pontinha da malograda lua seguia alguém atarracado de preto, sem que nada nem ninguém se desse de conta.

Com botas de militar, casacão escuro, calças negras mal postas, caindo a um lado, camisa e chapéu preto, e uma bengala dando compassos de espera na mão direita. Ao chegar ao portão, sem pressas, descansa a bengala, tira as voltas da velha corrente que segura os velhos e oxidados portões do cemitério, abre-os só o suficiente para que possa passar e entra com ares de comando.

Com cuidado volta a fechar os velhos portões, mas sem colocar as velhas correntes, e com passos firmes e seguros caminha na escuridão como sabendo de antemão tudo à sua volta, segue em direção a uma campa onde a terra tinha sido remexida há bem pouco tempo. Com uma calma de espantar, tira de dentro do saco de mão uma boneca com um pouco mais de um palmo e meio e coloca-a mesmo no centro da dita campa pondo à volta desta três velas pretas dispostas em triângulo. Só agora é que olha a seu redor, e com um sorriso saído de uns lábios travessos e velhacos pinta de toda uma vida ambulante e diabólica. Sai-lhe um suspiro profundo quase das próprias entranhas que faz estremecer o medo, abre as mãos aos céus, diz umas palavras em sussurros, e ao terminar deita os olhos faiscando vinganças à campa.

Volta a tirar do saco outras velas brancas, conta-as, são sete. Muito vagarosamente com passos contados vai até a Cruz central e coloca-as cuidadosamente, de maneira que cada uma delas coincida com os vértices do triângulo de face à cruz formado pelas velas negras.

Fica em silêncio até que as badaladas da meia-noite anunciam-se no ar vazio e tremulo da noite escura. Ela volta a abrir os braços e começa a recitar palavras e conjuras que mal se percebem.

No final, sai-lhe umas gargalhadas frias como a própria noite, volta a olhar para a boneca de cera, e muito lentamente enfia nela vários alfinetes, enquanto volta à carga de palavras e conjuros, e sempre sem parar abre um frasco que trazia na bolsa e faz derramar o conteúdo sobre toda a boneca, com cadência acende as velas, primeiro as pretas, deixando para último as brancas, depois é quando abre os braços e faz entrega com conjuros e blasfêmias.

Um grito de desafogo sai daquela boca mísera.

- Te irás logo que termine a chuva para juntar-te a ele!

Satisfeita, colhe o saco de mão, e segue na direcção do velho portão, afrontando o silêncio sem respeito e receio. Antes de abrir porém espreita a um e outro lado, ajeita o chapéu preto, e com o mesmo sorriso manhoso, dá uma olhadela atrás, volta a mirar a campã, e deita uma cuspidela avara.

Não quero que apagues este tempo de mim, nem estas horas negras, mas faz-me silenciosa. Ó noite também tens tuas manhas e não és melhor do que eu, sê prudente como me tens ensinado e segredeira como as nuvens que tapam tuas estrelas, que estas pedras que me levam, tão faladoras se tornem cobardes e tudo o que for escrito nelas se apaguem. E tu, Oh terra de todos, lodosa e carnívora ouve as minhas preces ao abade negro, que somente ele rege tormentos e desgostos.

Aqui fica nesta tumba as marcas negras da desgraça!

Tempo, dá-me pelo menos uns instantes, só uns instantes mais, e cobre-me de outros olhos, assim poderei recuperar teu passo, que parecendo lento voa como o pensamento. Tapa-me para que passe invisível.

Sai, e vai numa direcção diferente de onde vive.

O vento embora pouco, parece querer falar, caem dos ramos de todas as árvores lamentos abafados em dor, que fazem tremer o mais simples.

As chamas das velas como que falando, balançam-se em retoiço, querendo fugir, estarem longe, mas mesmo longe.

O mar com o seu endiabrado silêncio escutando como um ladrão dissolvendo-se nos rincões de tudo nos confins desta negra noite que não parece querer envelhecer e procura esconder tudo.

As pedras das calçadas do velho e mártir caminho iam escrevendo às escuras no livro do tempo letra por letra, pensamento por pensamento.

A altaneira rocha cansada, sempre em vigília, sem cansaço, chorando lágrimas de cores tristes, e tentando enxuga-las com as nuvens do tempo caídas como lágrimas invisíveis, no suor desta desgraçada noite que teima prolongar esta escuridão sem vergonha dó ou piedade.

Quem fez esta noite, que vive com a máscara de inferno?

## **Notícias**

### ***Ocorrências***

*Boneco com fotografia de uma senhora “apareceu” numa campa.*

*Magia negra no cemitério de Bazaul.*

*A população do Bazaul encontra-se indignada e com receio devido a uma situação insólita, ocorrida no cemitério da freguesia, que se assemelha a actos de magia negra.*

*Numa das campas encontrava-se um boneco de cera no qual estavam espetados diversos alfinetes e a fotografia de uma senhora no interior, também com um alfinete enfiado.*

*Junto ao boneco, de palmo e meio, encontravam-se três velas pintadas de preto e, mais adiante, junto à cruz do cemitério, outras sete velas brancas.*

Sempre que os cães começavam a uivar logo ao cair do sol, todos os cantos lá na terra começavam a cuspir gente, mulheres, homens e crianças apareciam do nada como por magia, e em minutos apinhava-se uma multidão assustada, com todos apontando para o cão estático que não fazia mais que uivar, de pescoço empinado e olhos cerrados, com as patas tesas seguras à terra sustentando-se estático com medo e nervos, trazendo o raio da vingativa cauda toda numa curva, com a ponta apontando para cima parecendo vibrar de susto.

- O bicho está vendo o “demoino”, que Deus me perdoe, mas olhem que ele não pára de olhar para lá.

E todos comprovando dizendo que sim, que o desalmado cão estava vendo o “demoino.” Que tinha contacto com esse bicho do inferno, esse animal deveria ser destruído no alto mar.

Num outro lugar não muito longe, outro cão volta aos mesmos uivos, e todos se benzem, com o:

” Arreda! Satanás.” Aqui anda um exército deles. Que nos acuda a Virgem Santíssima, Santa Maria Madalena e São João Baptista.

Pelos caminhos a baixo, uns e outros sem sentido, apontando-se uns aos outros, e benzendo-se em cada encontro.

Se era perto da casa desta ou da sicrana, era porque algo iria passar a alguém que vivia nessas casas.

” Valha-nos Deus e todos os Santos. “

As vizinhas enfiavam nas portas cruces de alecrim, lambuzando-as com azeites de loiro mal talhado, levavam à vizinha cruces de alecrim dizimado, e ela que as colocava por todos os cantos da casa, cobrindo as fotos das paredes com medo, pondo um frasquinho de Água-benta numa esquina, ora para afugentar as desgraças ora pelo medo, enchiam jarras de alecrim e colocavam-nas sobre a mesa do quarto de jantar, da cozinha, nos quartos de dormir, e se ainda havia mais Água-benta, traziam e voltavam regando tudo o que lhes aparecia pela frente, era uma luta sem nunca parar, até que todos os sete dias agoirados passavam. Havia quem ainda esperava outros sete dias mais, como prova real, para comprovar que tudo já estava bem à conta de Deus, e se algo passava era lá para outro lado, cada um luta por si, e puxa para si os santos preferidos para a ajuda.

Por ironia também havia o mesmo alvoroço sempre e quando os galos cantavam fora de horas, era como se eles lhes prognosticassem um mal que lhes cairia em cima, o cantar era o aviso de um familiar transmitido ao galo, e lá estavam eles outra vez nas lavagens desse mal, e voltavam ao mesmo das cruces de alecrim e Água-benta com pinceladas de azeite de loiro e a enfeitar jarras de alecrim por toda a casa, sem nunca deixarem de perfumar cada um dos que nela habitavam, com esconjuros e orações passadas de geração a geração, receiptadas de cor já quase em arcaico, vindas pelo mesmo caminho de sempre.

Quando lhes sobrevoavam um corvo desalmado passando e dando voltas e voltas sobre a sua casa, usavam outro remédio nesse mal, porque haveria defunto nessa família caso não agissem correcto, e juntavam-se todas num quarto fechado, rezavam terços e Salve-rainhas, apertando-lhes nas mãos trémulas o amuleto que a mãe lhes deu na puberdade, e que a partir daí sempre vinham com elas amarrado ao sutiã por um alfinete-de-ama, ou agonizantes pendurados aos pescoços, sempre prontos para o beijo no final de cada glória ao pai, tanto que o pobre andava sempre molhado e sofrego.

Quando desgraçadamente sonhavam com ovos partidos, isso sim que não tinham outro remédio a não ser a Rémula para que esta lhes limpassem todo esse azar do corpo, que lhes sufocava até o respirar tirando-lhes o próprio ar, verem-se no espelho era sentir a agonizante dor que lhes queria devorar sem compaixão.

- Ai como estou tão demarcada, estou rasa de olhado, (enquanto os dedos trémulos endireitavam as madeixas que lhe desalinham a cara) vou fazer como me aconselharam, uma fogueira, umas folhinhas de louro e um punhado de pimenta, e três alhos da rocha, vou fazer mesmo, para queimar os olhos de quem me passou todo este olhado.

No dia seguinte lá vinha ela com a vizinha.

- Oh vizinha sabe que ontem fiz aquela receita que me deu do olhado e olhe o que me aconteceu, olhe como tenho os olhos, inchados que nem uma bebera.

- Oh mulher, se calhar não fizeste como te disse, certeza que fizeste como te disse? Olha que não me mintas, que até agora nunca isso passou a ninguém, algo fizeste mal.



- Se calhar foi por isso, paciência, não tenho outro remédio senão ir com a Rémula, já não aguento, olhe como estou demarcada, só por ver-me no espelho me assusto, credo Ave-maria sagrada o que me foi passar, e agora os meus olhos, má diabo arrebate quem anda comigo à luta, não pude dormir nem um belisco nesta noite malvada, virava-me de um lado e de outro, má diabo do inferno anda por detrás disto.

A Rémula dava-lhes uma defesa para esse mal, e outra mais para que mais nada lhe pudesse entrar num futuro.

No adro ao Domingo quando iam à missa iam de cara bem levantada, para se certificarem aos olhos maldosos, que já lhe passou o olhado que nada lhe passará, mesmo que esteja no querer de todos os diabos do inferno, e em sussurros que nem elas ouviam, diziam,

- Foi tempo perdido suas estupores, porque eu já sei a cura, e mais tarde ou mais cedo eu é que te darei a ti de volta pagando-te o que a mim me deste condenadas. Com quem pensais que estás brincando...bichos do inferno...pois enganam-se que não hei-de esquecer desta.

Compravam pombas brancas que às escondidas usavam nas suas brincadeiras de magia branca lá muito bem tarde da noite, quando batiam as primeiras pancadas das vinte e quatro horas, degolavam a ave, deixavam o sangue correr para um vaso, e ofereciam-no aos espíritos.

Houve um tempo que até os gatos andavam fugindo da desgraça, e até mesmo quase que acabaram com eles, e há quem diga que não se viu um gato nesse lugar por anos, depois, obcecados puseram-se à procura de gatos negros, indo por vezes à caça deles a lugares muito distantes e quando os apanhavam levavam-nos, eram o remédio caseiro para doenças incuráveis, quando os médicos davam-lhes pouca garantia de vida, a curandeira era procurada como uma mão bendita. Passavam o pobre animal três vezes à volta do doente, recitando isto e aquilo, dizendo que a maldade má fosse para o bicho, a maldade tem quatro patas... e quando achavam que era hora de solta-lo largavam-no, para que ele se desfizesse por si mesmo em todos esses males que lhe caíram em cima. Revestiam-se das capas dos amantes do sincronismo, mesmo sem haver razão comprovada.

Os gatos negros passaram a correr de largo, já ninguém os queria em casa, mesmo nas aldeias mais longínquas.

- Não quero gato negro aqui em casa, só dá azar e má sorte!

Também havia dos que apoderavam-se de peças de vestuário, de pessoas a quem queriam fazer maldades, para vingarem-se e queimavam-nas nas brasas a um recitar de orações profanas, ou então enterravam-nas nas terras do pequeno cemitério.

O pintar de portas a pinceladas de azeite de loiro para afugentar as bruxas, era tão comum e normal, que até ninguém lhes fazia caso, pertencia a todos, e todos usavam a mesma receita, que chegaram até eles da mesma maneira que chegou a água que corre nas fontes.

O medo medonho às bruxas, com o conto do enfiar a vassoura atrás da porta com as palhas para cima e o pau para baixo, e uma tesoura aberta em cruz ao lado, porque nem elas entravam caso estivessem fora, ou saiam caso estivessem dentro.

Assim pelo menos podiam dormir melhor e mais descansados, sem aquelas preocupações inoportunas que lhes enchiam a cabeça de perder todo o à vontade, o que fez passar de fadário à obrigação, tudo como se pode ver, que por vir correndo em tradição errante por geração a geração, chegou até eles, cansada e medrosa.

No mar, os pescadores, que todas as vezes que saiam à pesca, passavam horas ensebando as bordas dos seus barcos, antes de deitarem as linhas ao mar, faziam-no logo depois de o pôr-do-sol, com misturas de azeite de loiro e banha, para que as bruxas escorregassem nos seus tentos de subirem à embarcação, sem contar que toda a bendita sexta-feira andavam com uma lata cheia de carvão, imitando o turíbulo, carregavam-na com incenso, e todos juntos perfumavam barco por barco, os aparelhos de pesca, eles próprios, a vela, e os remos. Tudo no seio de orações e credos sem nome, e quando estavam muito tempo sem apanharem peixe, de todos recolhiam um pedaço do seu vestuário para queimarem junto ao incenso e tirar de todos os maus-olhados que andavam soltos, e assim voltasse a sorte a sorrir.

A canalha de tanto presenciar toda essa cultura, passou pouco a pouca a se englobar consoante a necessidade e os pontos

de partida dos estatutos do lugar. Tentando igualar os mais velhos, apoderavam-se do medo das bruxas, da bicha fera, do homem das botas de sete léguas, e das almas errantes. Sempre houve quem as visse não só nas noites escuras, mas também em pleno dia. Por isso todos os fedelhos tinham medo de saírem um pouco depois do sol se agatanhar e enrolar-se nu no poleiro da noite com o escurecer invisivelmente pintado na soleira da porta. Quando dormiam, escondiam-se enrolados entre os lençóis, respirando o bafo do suor embrulhado no medo de tudo.



## PINCELADOS DO ALÉM

### PRIMEIRO CAPÍTULO

Angola é nossa,  
Angola é nossa,  
é nossa,  
Angola é Portugal.

O sol do meio-dia já não parecia o mesmo, calor que por muito tempo andou devorando sem medo e sem vergonha o lugar desfez-se derretendo-se depois de ter deixado tudo gasto e trôpego, desvaneceu-se pouco a pouco com o tempo, foi gradualmente como as pétalas de uma rosa, dissipando-se sem que nada desse conta do que se estava passando, como nas primeiras chuvas de uma amostra de mais um inverno ameno que não prejudica a nada, e tudo parece normal.

Todo foi imaginariamente saindo pouco a pouco tapando os atalhos do passado com a toalha triste da sorte.

*(Todos já sabemos como são os sonhos... sempre no plural bailando de lado a lado ora enxutos de mãos caídas, ora encharcados e de braços abertos, brincando nos poleiros das nuvens negras com asas que tapavam o céu como gigantes cortinados, bordadas a duas cores, fazendo da terra uma semente vazia, num vale a pedra e nuvens.)*

As revoltas por anos reveladas a preto e branco pintando tudo diferente, apareceram as televisões com suas histórias tristes, mãe sem pai, pai sem mãe, mãe sem filho, pai sem filho, noiva sem ninguém aquém amar, e uma campã que ouviu uma salva de tiros sem saber o porquê, fez com que desse o tal empurrão que desde muito buscávamos.

E por último a nova estrada e carros à porta, que deu o último atestar à pipa, que de tanto se encheu vazou demais.

De ano a ano com tudo a transbordar de medo e sem nunca nada mudar, a não ser o tempo dos tempos, onde ao ir um teimoso, voltava a crescer outro muito mais teimoso em seu lugar.

Quem sabe por quanto tempo...Desde tempos remotos, quando há muito, até dizem que tudo isso começou lá pela mesma altura em que a lepra e o jogo da apanha andavam de gato e rato, coisa de que logo que os apanhavam, amarravam-nos de pés e mãos, açoitando-os, descarregavam-lhes todo o veneno, até que ficavam perpetuamente agarrados aos maltratos, tudo isto aparecem nos retratos colados às paredes desta jovem e pequena aldeia, fundada lá nesses princípios, mesmo a um canto do talhão da pedra escavada, banhada por duas fontes de lágrimas, onde antes corria sangue.

Um grupo de amigos procurando fugir a toda essa desgraça, destroçados dos dias e dias, sem um remédio, a não ser o de não lhes deixarem dormir, com noites aos sobressaltos, vendo outros que antes lhes faziam companhia sucumbir, vendo os enterros passarem sem amigos, fugidos nos remorsos de medos, que um dia numa reunião caseira, resolveram dar o grito de:

- Agora ou nunca!

E pela noite foram arrastando-se Norte a dentro, tendo na escuridão, o seu “*passo e salvo*” desta nova aventura que se desfolhava no escuro até que o sol lhes mostrou mesmo em frente a terra desejada, estampada a cores vivas, da mesma maneira que a tinham visto nos retratos pendurados dos sonhos, das vezes que a viram passar na escuridão nos acampamentos, nas angústias do medo, atada a uma parede escaldante e agreste, pintada de lés a lés, de imortal.

Esqueceram os muitos dias de marcha, os inúmeros perigos e canseiras, as azaradas dificuldades, os custos gastos de um esforço super humano que deixaram inscritos a cada passo com linhas de sangue derramado como uma marca negra de labirinto desconhecido, para assim recordarem caso se sentissem perdidos e quisessem voltar a uma cidade triste e moribunda, cheirando a peste.

Esse amanhecer de um milagre em vivo, fez que se levantassem em alvoroço, talhando rochas, fendendo caminhos, que depois de um mês de trabalho festejaram tudo era fresco, sem riscos nem gatafunhos. Alegres deram-lhe um nome, usaram o mar como a pia gigante, e fizeram-no mergulhando-o nas águas cativas e suaves desse mar salubre e quente um pouco antes do pôr-do-sol, baptizando-o de Bazaul.

Quem o visse de longe, parecia vê-lo suspenso por fios invisíveis tocando com esmero uma rocha muito altíssima, com a parte mais alta tocando as nuvens brancas e suaves. Cómodo, e presunçoso, descansava conforme e sossegado, um pouco antes do final, logo que começava o monte, estavam os loureiros bravos estendidos em leque, vivendo em contínuos abanos, que mais lhes embelezavam a postura dessa esfinge milagrosa e desconhecida. Companheira inseparável da falésia risonha vestida de verde com ar cantante, enquanto ela mesmo junto ao mar, sempre que lhe apetecia, descia em bicos de pés, debruçava-se mansamente, esbelta e manhosa, beijava-o maliciosamente, atirava-se nua e feroz a um mar que lhe entregava a alma, ela que se erguia gloriosa e valente, em curvas majestosas de Deusa.

Apenas tocaram a terra suave e bela, sem esperara nem mais um instante, num primórdio necessário, dividiram-no em cinco sítios, isólogos e caseiros, o sítio dos Aparos, Fatacaz, Taful, Sinos, e os Rebos, com linhas divisórias marcados a cal para evitar as confusões desastrosas que mais tarde pudessem delinear no lugar.

Por muitos anos, essa endiabrada, rica e prazenteira fajã, onde todos corriam na mesma direcção e sentido para que tudo ficasse no mesmo lugar, embaçados naquele enérgico tapete rolante, que os antepassados lhes deixaram como estradas caminhantes, e que o mudar algo era sacrilégio, assim pois, nem numa simples mica em quer que fossem os tempos se fez mudança. Desde que a ordem foi ditada e apregoada com todos reunidos em pleno dia, ao terminar a última olhadela ao sol na ponta do meio-dia, à volta de uma pedra enorme, para que ela também fosse testemunha.

Os hábitos, opiniões, e acções doentias e tristes, passeavam estagnadas, podrido-se sem que alguém as ajudasse, caminhavam com o vento ora de Norte a Sul, ora de Sul a Norte, de Inverno a Verão brincavam com as teclas do tempo que se penduravam como trepadeiras por todos os cantos, confundindo os frutos com o atropelo dos hinos sem nome pregados às calçadas daquele caminho estreito.

Acompanhados dos ingratos e tocantes espíritos, que se iam juntando ao longo da caminhada mais fechados ficavam à mudança, e sempre pensaram que nada nem ninguém lhes tirariam as ideias macabras criadas ao longo dos tempos, por vezes até doadas como bens, que lhes caíam no peito afogado de solidão e presença, reflectindo no centro de cada memória os passos passados como contorno necessário de uma vida para lhes reservar o verdadeiro momento, erguiam airosamente o presente usando as saudades como colunas de suporte, uns estalagmites que se sumiam pelo céu dentro mostrando os seus rústicos monumentos abertos, eles que as viam fortalecer com os tempos do homem nu, voltado ao passado.

O presente de hoje foi um mito nunca pensado, até que o passado ficou em gota de Oceano.

Bailando desmascarados e tolos por toda a parte, procurando serem sempre seu o que não era, e logo que encontravam um palmo de terra que não lhes apetecia era quando lhes amortizavam os passos.

Por todos esses anos os moradores sem rebeldia e sem medo, com a mania louca de que a lei impunha a lei, e de que tudo desde o princípio deveria ser regido à maneira de nação, sendo eles o povo, o governo e a bandeira, há que ser sincero e dizer tanto houve tempos arrepiantes como houve tempos de alegrias e segundo relatos deixados por centenas, passados de boca em boca, a balança sempre ficou mais inclinada na medição de alegrias.



Trezentos anos depois, já com uma geração rica e prazenteira que fez com que as tristezas passassem por alto e se afogassem no esquecimento, que se abrisse um cantinho e se derramassem desmesuradamente em grandes mudanças. Toda a aldeia vestiu-se de rosas, de malmequeres, de amores-perfeitos, o sol deu mais luz, e tudo ficou tão lindo que alguém lhe deu coragem de lhes contar o conto da aldeia de há muito anos, tantos que já nem ninguém se lembrava dele.

Não quero abrir feridas, nem fazer sangrar mais chagas, nem tão-pouco desvendar segredos escondidos entre medos e credos, mas sinto um particular chamamento para contar a todos vós, que uma vez, lá para os lados do Fatacaz.

*[(Não há nada escrito, nem provas que vos demonstre) mas há o rasto que nos conta, o cheiro que nos preservaram os ventos, as pedras gastas dos caminhos onde se pode ler nos desgastes os ais dos que foram, com letras certas e claras; mas que para ser mais certo, toda esta história chegou até mim como por encanto, trazendo com ele o aroma de um jasmim seco, envolto num amor puro, meigo e doce que somente poderia aparecer em Bazaul, e que apesar de tantos anos, por ele ainda anda de luto a terra, ainda se ouve os gemidos quando a terra grita, gemidos saídos quentes, as pedras do chão que gritam descontentes e o mar mesmo ao lado batendo com estrondosos murros nas velhas paredes de pedra feitas a suor velho e gasto. Quando chega a vez de se impor o silêncio, vem o medo, tudo fica moldado diferente, parece tudo estar fora dos eixos, sente-se à nossa volta o estranho sabor amargo que nos persegue continuamente, saindo de todo o calado que nos envolve. Nós correndo dele como seja, fugindo sem saber como, ele que segue a nossa caminhada e cai sobre nós, que nos aperta o peito e afoga o debulho da alma, e nesse silêncio sem nome e que se veste de tudo somente com o propósito de espantar a alma, nada sabe a nada, e é quando gritamos a todo o pulmão.]*

N

*- Mataram o sabor da terra, até a alma dela morreu.]*

Isto é o que vos quero contar, neste silêncio que só me faz correr suores de dor.

Ora segundo reza o velho povo, *(o que já não está, que se foi sem deixar rasto escrito)* e o povo é quem ordena, uma jovem de nome Lacunda, ainda de tenra idade ficou loucamente apaixonada por um mancebo chamado Sigamo, eram ambos da mesma aldeia mas viviam em diferentes sítios.

Amavam-se em segredo num amor puro e belo, onde os dias tornavam-se pequenos, quase sem horas, e as noites tão gigantes, que nem davam para dormir, onde tudo corria tão de mansinho, e os ruídos mesmo tão leves pareciam estrondos, o sono

que deixava de existir e caminhava toda a noite, com máscaras de sonâmbulas sombras.

Passaram-se anos, que mais pareciam séculos, e o segredo deixou de existir assim sem mais, de boca em boca se torciam a todos os cantinhos da terra, e tantos os pais dela como os dele que como sempre, foram os últimos a saberem, e que por ironia do destino eram inimigos desde a nascença, foi como caíssem num abismo medonho, onde as lágrimas e desesperos caminhavam juntas gritando, e cheios de dor e angustia não descansaram até que tudo entre eles terminasse sem importar as consequências que tudo isso arrecadaria.

Houve uma loucura, fez-se uma guerra tremenda, com as duas famílias juntando a si todos os seus formando batalhões que chegaram a contar-se até a 5º geração e lutava-se por todas as partes, nos caminhos, nas fontes, ao passarem junto às casas de cada um, no adro da pequena capela, faziam-se promessas aos santos mais populares, mas apesar de tudo isso graças a Deus nunca haver uma morte que seja.

Nunca chegou a haver um só minuto de paz entre essas famílias, porque tanto umas como outras nunca tiveram olhos que pudessem ver esse amor fenomenal, puro e doce que brotava dos dois como água pura de uma nascente cristalina, que cai e assombra tudo a seu redor, e que apesar das guerras do dia-a-dia, vive a vida de uma árvore que quer ser gigante e no seu querer cada vez mais se enraíza e cresce forte e vigorosa, pronta para devorar o espaço e o medo, metendo-se pelo céu adentro, usando a mesma magia da vida.

Os dela, com pretexto e zanga, diziam que, ele era filho de cachorros, e não de gente.

*(Ele que não ouvia.)*

Os dele, vingando-se, respondiam que ela vinha de família de putas, e que filha de peixe sabe nadar.

*(Ela que nunca sabia o que diziam.)*

O ruir de ingratidão e desespero foi-se derramando, vertendo o conteúdo sem aviso, sem remédio, sem gratidão ou respeito, penetrando sem pressas, passo a passo escorregando-se maldosamente entrando em debandada por paredes endiabradas, abrindo valas enormes aonde quer que fosse, as lágrimas que se

transformavam num mar sem serem notadas, e cresciam e cresciam sem parar.

*[Quando a desgraça se esconde dentro de um, faz dele a sua própria morada, esconde os lamentos, gritos, confunde a paciência, a constância, a perseverança, a clemência, para saírem em lamentos e dores que mal se ouvem moldadas em sussurros, até que elas próprias desgarravam o peito, arrancando-o, dilacerando todo o corpo, deixando aparecer as feridas quentes, as chagas que não se podiam fechar. A sinceridade deixa de ser orgulho, e o corpo estoura na explosão da morte, onde somente os sinos fúnebres muito bem compassadamente sabem como saudar quem parte].*

Ao seu lado, no tempo parado, as pedras distribuían bebidas fermentadas que passavam de boca a boca trazendo o bafejar de álcool lavrado por toda a aldeia e embebedando a vida, com os fedelhos passando à camada adultos em menos de um respiro. Nas mesas sobre a cobertura de linho bordado à mão, numa terrina serviam-se os manjares de calúnias, sobremesas de invejas que muitas vezes manhosamente soube penetrar a onde não deviam, as frutas de intrigas eram arrastadas pelos ventos e um sol que mesmo ignorantes foram servos, quase sempre muito bem abafadas pelas mesmas toalhas bordadas à mão, que por jeito retratavam esses mesmos desprezos e infortúnios de tudo o que foi e do que passou nessa passagem de um amor histórico, que nunca mais deu paz à aldeia e que até hoje há pesares diferentes cantando tristezas, que nada nem ninguém pode ter a mínima ideia o porquê do que se está passando, e por não se terem consumido apesar de tantos e tantos anos, que hoje aquilo que passa por passar é conhecido somente com agoiros esparramados por todas as redondezas do lugar.

De tanto vazar, o rio secou, porque rio sim que houve, o doce tornou-se amargo, e o bom passou a não ter valor algum para dar lugar ao mau e a essa amargura que cobre tudo. Aí foi quando abandonaram o querer da vida a um canto da casa, atrás de uma porta, fechado numa mala muito velha, onde nada reparasse nem sentisse os suspiros saídos a custo. Onde nem chegasse o dó nem piedade nem a própria alma.

Uma noite, como as muitas que se encontravam sempre escondidos de todos, Sigamo apontou as estrelas encaixadas no

firmamento azul-escuro e com a sua trémula mão apontou-as à sua bela e amada Lacunda, e disse-lhe:

- Vês, estão suspensas e cintilam amor, mandar-te-ei cartas como estrelas tem o Céu, tu és a minha estrela, o meu coração só pode viver com a força da tua luz, eu quero ter sempre junto a mim essa luz dos teus olhos, ouvir o palpitar do teu peito, e sentir em cada onda do mar o sabor dos teus beijos, que os meus olhos só são olhos quando vivem para te ver.

Ela abraçou-o feliz, guardando os sonhos no seu peito esbelto e cheio de imenso amor.

A vida na aldeia tinha e tem um tributo demasiado caro e severo para cada um dos seus. O ter de sair por uma ou outra razão e sem remédio ficar longe da pessoa amada, da família, dos amigos, do lugar, das cintilantes e risonhas estrelas, da luz de um luar que tantas vezes deslizava na escuridão da noite para pintar-lhes as sombras englobadas nas pequenas madeixas de luz, que se introduzem vagabundas nas paredes das suas vidas, que se riam e se apoderavam de tudo sem um consentimento sem uma olá...

Depois de travarem tantas lutas, remendar caminhos, colher frutos sem uso, e de não encontrarem remédio melhor que a própria dor lhes revelou, sem piedade de si próprios procuraram seguir a paixão que lhes dilatava nos corações:

O sonho da independência.

*(Que lhes fazia arder outro muito maior na alma.)*

Os dois concordaram e o melhor seria que ele fosse para o Brasil, deixando atrás de si, guardado no mealheiro de um coração alvejado e latente, a metade quente do seu peito que se ardia numa fogueira de lume vivo, que só quem está nela pode realmente saber o difícil da vida e o belo de ser amado, que o padecer merece a causa, e a dor se apaga sem doer.

O querer construir um sonho com a recompensa de um voltar alegre e risonho, uma paz sem limites e sem entraves onde nada nem ninguém os pudessem separar jamais, onde por fim pudessem concretizar todas as bênçãos que Deus lhes tinha outorgado, com uma vida de felicidade e amor, fez que a vontade fosse gigante e não houvessem séculos.

Não, não deixarei não,  
Não ficarei sem ti.  
Se os sonhos acabam,  
Haverá ondas de luz,  
Que brilharão para nós.

Não ficarei sem ti,  
Não ficarei não.  
Perder é ilusão,  
O amor nunca acaba.  
Se a vida lhe abraça,  
Tem muito mais graça,  
Trazer no coração.

Não ficarei sem ti,  
Não ficarei não.  
Não deixei de amar,  
Esteja onde for,  
O amor sempre brilhou,  
E o que meu peito criou,  
Jamais causará dor.

Não, não deixarei não,  
Não ficarei sem ti.  
Se os sonhos acabam,  
Haverá ondas de luz,  
Da Cruz de Jesus  
Que brilharão para nós.

Os sibilados dos pássaros, o arfar dos ventos, os gritos  
contínuos do mar, o cintilar das estrelas, o brilho prateado da Lua,

as noites quando eles se abraçavam na alma, giravam em cada minuto das horas.

Já de há muito começaram as cartas com remetente de nome de mulher para que nada se apercebesse do que passava, seguiam-se com o ritmo rufante de tambores africanos desbordando amor.

Sigamo escreveu, vivia escrevendo, o escrever dava vida ao seu moribundo peito, era o golear de desfazer-se nas folhas de papel que lhe remendavam uma esperança em farrapos num corpo já débil, era a água da vida, escrever era o respirar profundo de um oxigenar o sangue moribundo e louco. Não era o prazer da mão por talhar letras ou traduzir pensamentos, era o querer viver e sentir *“aquela dor que desatina sem doer.”* Daquela força acreditadora do ver, sentir e tocar, desprezando distâncias e lugares, apagando tempos e horas, borrando dores e pecados, com só o olhar penetrante que navega até longe no batel que navega no imenso da mente, esboçando o perfil na intimidade do peito já sem forças, mas que seguia lutando até que o retrato aparecesse nítido e corajoso, dando o elixir dos olhos a vontade de voltar a respirar profundo e sentir o elixir da ama.

As cartas mal chegavam, eram logo bispados das mãos de Sílio por varejas e vespas controladas por falsos ilusionistas, falsas paixões, túlipas de ciúmes, num tropel acabrunhado de mentiras e maldades, sumiam-se entre massas daninhas com simples jogos de dedos misturados com palavras almofadadas abrigadas em meiguices num disfarce de subornos, tanto dos pais dele, como dos dela, onde o correr de águas enganadoras a pinceladas de amizades falsas e baratas faziam voar em migalhas ora de cá, ora de lá, correndo sempre pela terra dentro como os ventos, destroçando tudo ao seu alcance, sem um remorso, sem uma lágrima, e sem dor. Cantavam como se nada fosse, que tão alto cantavam que subiam mais que as árvores soltas, mas ao lado tão pertinho, dormiam as cinzas que mesmo caindo mortas vinham de uma maneira ou de outra ajudadas por forças sobrenaturais e chegavam a remendar o regaço quente e apaixonado dessa mulher que se sangrava de tanto amar.

## **Olhos que não vêem.**

**Vede** em mim,  
o que em mim consente.  
Não é porque me treme a mão,  
quando vos escrevo,  
nem porque me tremem os lábios,  
quando vos beijo de longe.  
Ou porque treme de frio,  
quando estou só,  
tão pouco quando treme de febre,  
pela dor que me desatina sem saber **como**.  
Não é não!,  
Sabei,  
que **amo** a dor,  
por querer-te.  
Recordai os meus abraços,  
as carícias e quando vos apertei o peito.  
Recordai!  
Recordai que vos falo **em silêncio**,  
e vos mimo com beijos.  
**Vós que** não vedes,  
que **nunca vedes**  
o meu peito agora tremendo.  
**Vede nos meus olhos**,  
os vossos sonhos  
E ouçamos juntos o palpitar cansado,  
porque treme por vós.  
ainda posso ver no **longe**,  
os olhos que me sentem  
e que me amam.



As vespas rondando, sanguessugas sedentas que entregavam a encomenda com uma mão e com a outra aberta, e como pragas apenas chegavam ao largo do desvio, numa porta sem nome eram logo queimadas, só que nunca ninguém as abriu para não se darem à maçada dos arrependimentos e mais tarde não houvessem apoquentações, assim que castigavam-nas na mesma lareira que coziam as semelhas salpresadas e peixe salgado, e o suplício era sempre o mesmo, o fogo. Quando ardiam saíam delas estalos misturados de tufões que mais ajudavam a dar lume à lenha.

Diziam elas contentes,

- Vês os tufões? é o respirar dos feitiços, os estalos são os gritos destes purgando no lume dos infernos, vejam como ardem os desalmados.

Lacunda ardentemente cheia de fé, no seu quarto, ficava junto à janela por dias e noites esperando notícias do seu Sigamo, sem cansaço como se as horas não existissem, a extática do amor que sentia, era iluminada pelos ventos que certos dias entravam como anjos na sua janela, trazendo-lhe algo, ah! Quantas vezes sentia neles os milagres de beijos vindos de longe, que se agarravam a ela ainda quentes, misturados nas centelhas das cinzas que num vai vem se despegavam da chaminé da sua casa, oh vento amigo traz-me o pouco que podes, comove-te de mim, que mal não há nos teus beijos, nem nas tuas carícias nem nos meus querereres, que se o amor é o que sinto mais força tenho para te amar mesmo triste e enferma. Não te sintas cobarde Oh vento, traz-me o que me tiram no tempo, traz-me pelo menos as sombras brancas do passado, que mesmo sendo passado fazer-me-á companhia a este presente que se agonia por tão pouco, porque mãe e pai não tenho, quem ao mundo me deu, o mundo não cansa de me tirar, não por ambição, mas por desprezo de conhecer este peito que sofre e se desfaz como água que sobe às nuvens. Hoje sou eu as filhas que fizeram crescer, amanhã serei a semente na terra que me cobrirá. Já mal sinto este peito, parece que já o perdi, mas mesmo assim sinto algo que ainda é mais forte que a dor que me mata. Sinto as forças do amor que me faz seguir amando mesmo sofrendo.

(a voz sai-lhe em suspiros) Ai! E tantos que falam desapiedadamente do amor, pobres de coração que nem sabem o que dizem, seus olhos estão fechados, seus corações petrificados, e suas línguas sem sentido. Oh amor que és como o mar tão vasto e rico que nem existe medida que te possa medir. As tuas prendas... Ai Meu Deus que prendas... são abraços ternos e suaves que nos envolvem por completo e penetram até o fundo da nossa alma gravando-se nela, suas lágrimas são beijos eternos que nos alagam nessa água cristalina e nos purificam, estampando-se no nosso peito como selos das forças do além e vivem em harmonia com a nossa alma...mesmo silenciosos são tão poderosos como as estrelas que se guindam no céu formoso, a sua luz como a do sol e o seu calor como o calor do amor do Pai eterno.

O meu mal não é o de amar, não, não é o de amar mas o de não me deixarem amar neste mundo onde os cobardes sempre ganham.

O vento caindo no regaço, ela vestida de dor e desalento, esperando no tempo. Mesmo quando mais tarde esse mal lhe bateu à porta trazendo-lhe a tuberculose com pancadinhas contínuas de uma amiga desconhecida, e cresceu-lhe o gosto por sentir-se acordada, apagando as tristezas cantando naquela voz sem forças que mal se ouvia, quase sussurrando como um cantar de águas de cascata ao longe, sempre na esperança milagrosa de uma boa nova, o desvelo que deu à vida o sonho. As noites eram dias intermináveis, os dias eram apenas horas esperando energicamente o carteiro sem nunca sequer saber o que era o enfado.

Cada vez mais o tempo, a solidão, o amor, os dias sem noites, os enfeitados sonhos delirantes com preces a Deus e a Maria Madalena a sua santa mais querida, fizeram a contribuição de pouco a pouco finalizarem a ceifa das suas forças.

Muitos dias antes, quando a tuberculose lhe bateu à porta, foi tudo um novo começo de toda esta agonia, nessa altura sempre que alguém chegava começava a esconder com medo no corpete o lençinho branco manchado de nódoas de sangue que lhe saiam às gotas quando tossia, depois deixou de se importar, botava-os num balde ao lado da mesinha de cabeceira, junto aos panos de menstruação, que também lhe sugaram as últimas gotas que ainda tinha, e sempre muito tranquila e cheia de paz, sem lamentos a não ser o de não a deixarem amar... esse peito que já mal respirava, foi quando lhe apareceu Celígena por primeira vez, e desde esse dia tornaram-se inseparáveis.

Pobre e enfermiça, Lacunda dessangrando-se naquele mísero quarto revestido a pedra e cal, sempre sentada à janela olhando o mar, tentando seguir o voo das gaivotas e levando-se nelas aferrada nas suas asas, ela que se sentia leve como uma pena voando com elas, apenas chegavam ao mar, fazia-as regressar, queria estar perto, queria esperar pelo carteiro, queria estar onde sempre esteve esperando, por isso voltava e debruçava-se no peitoril da janela, em todas essas caminhadas sempre teve medo de perder-se na imensidão do mar, preferia esperar, porque tinha confiança e fé.

Nos olhos de quem a visitava, era um mísero cadáver cambaleando, sem equilíbrio, caindo facilmente somente com o soprar de qualquer aragem que passasse.

Um dia, a tuberculose vendo-a em tão mal estado compadeceu-se dela. Fazendo-se passar por boa e íntima amiga que já antes vos falei, a Celígena. Lacunda conheceu-a nessa tarde quando o sangue a devorava, e desde esse dia foi a única que sempre estava consigo dias inteiros, ajudando-a em tudo, nos sofrimentos, e nas esperanças. Quando tremia envolvia-a num manto de linho verde bordado pelas suas mãos mágicas, fez cama mesmo junto à janela e abraçou-se a ela, da sua boca saiam palavras carinhosas de compreensão, era o seu anjo da guarda, como dizia ela.

- Oh Celígena, tu és o meu anjo da guarda, como viveria sem ti? deixa que estas sombras que me cobrem como manto fúnebre me evaporem a vida vagarosamente, porque esse que brilha lá fora já pouco tem para me dar.

Uma vez apiedando-se dela, a altas horas da noite, tocou com a palma da sua mão aquele corpo raquítico, e com a sua magia fez com que um sono consumisse o seu cérebro por muitos dias, e em todo esse tempo sempre houve uma vela invisível acesa ao seu lado iluminando aquele peito de dor.

Quando acordou, Celígena foi a primeira pessoa que estava a seu lado, e perguntou-lhe se o carteiro tinha chegado enquanto dormia, e jurou que não dormiria mais...nunca mais! Por favor Celígena por todo o carinho que tens por mim, não me deixe dormir mais, deixa-me saborear as minhas últimas horas, deixa-me

ouvir os cânticos dos pássaros que tanto me escutam, deixa-me amar mais do que estou amando.

As visitas das amigas foram sumindo-se pouco a pouco como as folhas de um Outono errante pelos prados desertos. O quadro das quatro paredes caiadas a cal ficou deserto, umas por medo do jogo do empurra, e não queriam cair em canto igual, outras porque as conversas já não lhes interessavam, de cartas já nada havia, e os remorsos do mal chegavam-lhes à alma, o silêncio passou a dominar parede por parede, as ondas de suspiros somente de vez em quando quebravam ao longe consumidos por um desvio de um eco triste, que voavam com as ondas delirantes do mar.

As suas mãos tão leves eram enroladas nas de Celígena que lhe fazia companhia noite e dia sem um queixume, sem uma lágrima, sempre com palavras de conforto e de amizade.

Esta é a história que lhes queria contar, a mesma de que sofre todo o povo que aqui vive, mas ainda há mais, e para que saibam como terminou tudo isso, vou dizer-lhes que Lacunda somente viveu um ano depois da despedida do seu grande amor, ano que pareceram centenas, sem cartas, sem o bafô quente de um beijo, a não ser dos que sempre chegaram nas visões de centelhas, nos cantos que lhe trouxeram os rouxinóis, e do mar que sempre lhe estendeu a mão da distância com aquele seu bater incansável que não eram mais que palavras de um amor alentador.

Quero dizer-lhes, foi numa manhã de primavera quando as flores bailavam num adeus no pequeno quintal mesmo por debaixo da janela do seu quarto, por magia os rouxinóis cantaram-lhe a alvorada com os primeiros e últimos hinos apiedados. Vinham até o parapeito dessa janela escancarada às visões só para cantar-lhe perdidamente.

Foi à hora exacta do nascer do sol, quando os hinos dos rouxinóis começaram, enquanto Celígena lhe ajudava a segurar uma vela acesa nas pobres mãos sem forças.

Lacunda deu o último suspiro ao terminarem os hinos.

Assim acabou parte da história com um corpo sobre um banco vestido de branco, na pequena sala da casa, uma mãe e um pai que choram ao lado de uma filha morta, presos aos remorsos de

uns corações cruéis, que mesmo vendo o deles, ouviam a voz das razões sem razão lhes segredar.

«Não tenhais porque sofrer, a perca foi compensada, melhor a morte que vê-la casada com esse cão maldito, esse desgraçado que foi o causante de toda esta desgraça. Amaldiçoada seja a sua geração até o fim dos séculos! Que eles também caiam na trampa da morte em tenra idade!»

Antes de vos volver a terminar esta historia, quero dizer-lhes que também tenho o dever de vos lembrar que,

“O acreditar é humano, mas o perdoar é divino.”

Voltando a onde estava, eram as duas da tarde quando o pobre Silo entregou uma carta de mão a mão à mãe de Sigamo.

Um envelope com uma risca negra em diagonal.

Sigamo também se foi de esta para uma melhor vida, morreu no Brasil em São Paulo, foi sepultado numa campa sem nome.

Um caixão estampado de branco, com uma cruz dourada cobrindo ambas tampas entra no velho e rústico cemitério, atrás do pároco os familiares mais chegados, seguindo-se uma multidão, uns rezando tristemente, outros repetindo remorsos, todos estavam de luto, não houve um ser humano no lugar que ao vir render a última homenagem não sentisse em si algo de dor de tristeza e ingratidão, até as vespas de ontem choraram esse dia. Acompanhando quase no final do cortejo fúnebre a filarmónica, soprando fazendo vento aos ventos parados com o hino cadenciado e piedoso, o sol que parou curioso mas sabedor de tudo. O silêncio que encheu o lugar, nada bulia, nada soprava, nada, nada, nada... nem a paixão onde um fim existe.

Calapa o coveiro um jovem dos seus 22 anos, com o corpo um pouco desfigurado por uma hérnia que lhe saiu de tanto abrir covas naquela terra barrenta e pesada,

*(Anda tudo morrendo nestes dias)*

Espera de pé junto a outros quatro homens ao lado da cova, dois em cada lado ajustando as cordas que vão ajudar a descer ao canto frio aquela caixa branca tão levezinha.

O pároco dá-lhe a última bênção, tirou o hissope, jogou-lhe água benta.

Em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo, que Deus te perdoe os pecados Lacunda, que a tua alma descanse em paz no seio do Senhor.

“Foste criada do pó e em pó tornar-te-ás.”

Desce à sua última morada, retiram as cordas, Calapa volta e reencher a cova, e batem as primeiras pás de terra retinindo sem piedade, pouco a pouco esconde o branco, os ventos voltam, o sol segue o seu velho e eterno caminho, o silêncio voa, e todos vão saindo aos sons do último toque fúnebre do velho sino da torre da Igreja.





### **Cinco anos depois.**

Um dia, quando Calapa também fraco e doentio voltou a abrir a campa para lá voltar a colocar um outro caixão, deparou surpreendido como o corpo de Lacunda estava bem conservado, foram por Dom Machatim, e com ele veio todo o povo, voltaram a mudar de campa, porque segundo Dom Machatim

*(O homem sim que sabia de finados.)*

Era pelos saís existentes aí, que o corpo não se decompunha.

Calapa, sem que ninguém desse por isso, tirou-lhe uma pequena madeixa desse cabelo que lhe caía até os ombros, e colocou-a na algibeira que levava ao peito, guardou como relíquia, porque o pais que também foi coveiro, um dia lhe segredaram, que quando alguém assim ficava era por ser santa, e se há oportunidade, há que ter algo dela para que com isso, seja mais fácil pedir-lhes favores, e ele precisava de corar-se, estava enfermo demais e os médicos não lhe encontravam cura.

Outros cinco anos voltaram a passar, toda a freguesia encurralada espreira por toda a volta, não cabe mais viva alma no santo lugar na hora em que voltaram a abrir a campa, desta vez é outro. O coveiro, Calapa já tinha deixado de existir dos vivos Há mais de quatro anos, nem a madeixa se lhe restaurou a vida.

Ao abrirem a cova, lá está ela de igual, luzindo como se ela tivesse ido ontem, com a sua cara branca e fina, com os cabelos parecendo que tinham crescido, e umas mãos pálidas que se cruzavam à volta de um rosário em branco, condizendo com a roupa, e um cinto de um azul muito claro que lhe seguravam as mãos.

Dom Machatim com a ajuda da Câmara mandou fazer um caixão novo, leu umas orações, fez voar o hissope com água benta em sinal de cruz, com o turíbulo queimando incenso deu a volta a todo o caixão, cantou a Ladainha, fez que o povo rezasse o terço, e triunfante deu ordem de selar a campa.

O coveiro volta a fechar aquela tumba, e apesar de já tantos anos se terem passado, até hoje, nunca mais ninguém a voltou abrir. Sobre ela foi plantara uma pequena árvore que hoje está grandíssima, com raízes profundas velando por todo o lugar.

Com o tempo, o mar mandou que o vento trouxesse consigo o esquecimento, pouco a pouco tudo se foi borrando das memórias, embora tenham feito versos, e cantado esse amor por dias e anos arreio, tudo foi com o tempo e com o mar, tudo se foi arrastando atrás de si o que hoje não há nada que se cante, e foi embora Lacunda da mesma maneira que foi Sigamo, os versos que também desapareceram cansados. Desta minha história no entanto não somente ficou o encanto como prova da verdade, mas ainda lá está essa bela árvore que segue crescendo sossegada e triste no silêncio de uma campa esquecida, esperando as folhas de papel que nunca chegam, abraços que nunca chegam, beijos que nunca chegam desse amor que penetrou e ainda segue vivendo, agarrado ao mar, ao silêncio, à terra e ao desengano.

Esperem que ainda não terminei de vos contar, embora pareça que tudo tenha terminado, mas, ainda há quem diga, e isto vem dos mais velhos, que lá à sombra dessa árvore, já houve gente que a visse, quase sempre pelas mesmas alturas do toque dos finados, sempre bela como em vida, com seu rosto meigo e doce esperando à sombra da sua majestosa árvore, da mesma maneira que esperava debruçada no parapeito da sua velha janela, e sempre pronta para receber de mãos abertas cada defunto que chegava, dizem que logo que entra um novo defunto, abraça-o, acaricia-lhe o rosto e com as suas mãos tão leves seus dedos mágicos e transparentes endireita-lhes os cabelos, conforta-lhes a alma e guia-os até os seus aposentos finais, sempre perguntando-lhes se ele ou ela viram um carteiro.

Depois de deixa-los no seu espaço preparado, volta à sombra da sua árvore monumental, aí permanece em êxtase.

*(Oh! ...mais de uma pessoa houve que a visse, sempre vestida toda de branco, emanando raios de luz com centelhas de outras cores que lhe saltavam ao redor, quase sempre viam-na de pé, apoiada à velha árvore que lhe serve de trono, olhando o portão com aquela ansiedade de sempre, com uns olhos fundos e tristes, torcendo com as mãos pálidas de cor de cera as pontas dos seus cabelos dourados caídos sobre os peitos, outras vezes*

*sentada desfolhando malmequeres selvagens e regando o seu peito de pétalas brancas.)*

Dizem que a ela, nunca lhe entrou a desdita da dislexia, o malvado mal de Alzheimer, nem tão pouco a maldita Amnésia como aos outros, porque toda a carne do seu corpo ficou sem um pingo de sangue sequer, todo o seu corpo ficou transformado em algo diferente, nenhum mal lhe podia entrar, era a única em toda essa zona que se resvalava na verdade de todos os dias sem precisar dos remendos do dia dos finados, retratando com palavras os que chegavam e cuidando dos internos mais necessitados com carinhos de conforto e paz.

Esta foi a história de amor da aldeia que nunca chegou a dar a volta ao mundo pois todos seguiam nos remendos do dia-a-dia, recordando o princípio de quando se serviram dos santos óleos, azeites do santíssimo, que por uma ou outra razão sempre conseguiam de alguma igreja lá por fora da aldeia, até que construíram a sua mesmo à soleira da porta, amparada do mar e da rocha, foi quando o produto passou a ser da casa, que nem tiveram uma migalha de tempo para recorda-la.

Embebidos nesse começo que já foi há muitíssimos anos, quando carregaram com todos esses óleos e azeites e fizeram uma argamassa, misturada com a terra dos sepulcros dos seus antepassados, carregados por eles próprios em sacos quando fugidos da cidade e do medo, foi quando voltaram a enterrarem todos esses ossos secos no melhor terreno que encontraram, e para agradecer-lhes a ajuda dos sonhos e do lugar, deram a essa argamassa um forma.

À força de jeito e vontade, talharam a imagem do santo Patrono, que só eles conheciam, deram-lhe um nome, levaram essa grande massa ao forno, depois de cozido, pintaram-no primeiro de castanho, depois *(por medo dos piratas como disseram, mas que na realidade não foi), de preto.*

*(Como querem segredo, juro que não direi nem uma só palavra, guardarei a coisa cá só para mim.)*

Muito mais tarde, quando foi para remodelá-la, num dia qualquer,

*(Porque aqui não é preciso mencionar a data para melhor proteger o segredo)*

Voltou a epidemia, uns que deveria ser pintado em preto, outros em castanho, o bispo meteu-se ao lado do pároco,

*(Porque a Igreja tem sempre a mania de ensinar a bondade e o amor, mas sem nunca saber como o ensinar na prática, e sai sem pensar esse amor mal ensinado, onde a bondade se desconhece em casa, e o amor nunca nasce a portas fechadas... e tudo fica sem efeito, ao morrer um morre o outro.)*

Ganhou o castanho do povo.

Alegres e satisfeitos voltaram a dar-lhe o velho altar, enfiaram-lhe velas à volta, flores, os velhos ornamentos de cera, esses que antes foram usados nos pedidos para que lhes afugassem as pragas da lepra, a cor fúnebre da febre-amarela, o esticado do tifo, que lhes trouxessem de volta a egrégia vaidade, que também por azar deixaram atrás na cidade no dia que saíram.

Nos tempos que já se foram, quando perceberam que toda a alavanca movediça estava funcionando, resolveram de já não sobrecarregar o santo de (mandaretas), entenderam que para as dores mais pequenas ou doenças menores, recorriam mais às ervas do campo, às folhas verdes de árvores sãs, às cascas de árvores que o sol aqueceu, a frutas por vezes menos saborosas, a outras comprimindo-as com pedras de lagares ou de moinhos movidos a água, dando-lhes uma viravolta em chás e empastes, por vezes batiam sem dó horas a fio nas folhas secas da Beladona para lhes arrancar um pó esverdeado e pesado, transformando-o nas sombras de sonos manhosos, onde as horas pouco a pouco morriam sem dar-se conta, e que coitadas desaparecidas azougavam mudas e frias nos jardins que lhe deitaram à vida.

Primeiro começou com uma pequenina coisa, que foi crescendo aos poucos, até que chegou a englobar todos os que se encontravam enfermos, dando origem às malícias, culpavam este ou aquele, que eram dos bruxedos, dos olhados, das feiticeiras, das bruxas, dos malditos agoiros, dos malfadados disto ou daquilo, das pragas dos inimigos, e queimavam rios de folhas de alecrim, amedrontavam até o sol, ensinavam aos mais pequenos orações benzedoras, e que quem dizia ai... era feiticeira, passavam a maior

parte do tempo vingando maldades e pedindo desgraças, ao som do toque quente do sangue de irmandade que traziam latejando dia e noite embrulhado debaixo do ombro esquerdo, e nesse andar triste fugiam destruindo nessa caminhada o humanismo da paz.

Desde os tempos do seu princípio, quando implantaram uma reserva desnuda, primeiro para os ossos dos seus familiares que andaram aos tombos em sacos de linho na altura da travessia, batendo horas e horas uns contra os outros sem um grito que fosse por toda a cansadíssima jornada, ao que a esses sons, seguiram as ladainhas de rezas, pelos sussurros que os finados lhes pediam algo.

O batentiado era o sinal, quem está no outro lado não fala, todos sabiam que pediam para que fossem plantados como árvores, com um grande espaço entre uns e outros, e que obrigatoriamente deveriam usar o homocêntrico de todos eles para colocarem uma grande cruz como chave, eles contentes porque apesar de tudo sempre fizeram a plantação, não só uma mas duas.

Muitos anos voltaram a passar para que desesperados de tantas desgraças, e de tantos chamamentos a finados, é que se resolveram em fazerem uma grande muralha como se fosse um castelo, cercado tudo à sua volta, assim eles, os que partiam sentir-se-iam com algo, porque como diziam, quem parte fica sem nada, nada leva, mas deixa os retratos, as saudades, os recordes, as maldades, as falsidades, o lugar, os amigos e os filhos num sangue repartido em parcelas caminhantes agora no outro lado do muro.

Como vos ia contando, o sítio que chamaram de sítio dos Sinos, sítio esse onde ficou estipulado entre eles e as aves que lá viviam desde muitos e muitos anos já mesmo antes que eles chegassem. A ordem passou a que nenhuma delas voassem, usassem, ou descansassem nessas árvores que cresceriam nesse tal dormitório enfermiço; E que quando voassem, fizessem voo de largo, caso tivessem mágoas a mais, espalhassem ao seu redor se assim o quisessem, para desabafar as cores das penas, mas nunca no próprio lugar, e quando cantassem que fizessem somente à sua volta, que cantassem vestidas de azul, e voando em círculos, sem nunca entrarem nem mesmo o tamanho de uma unha dentro desse perímetro fechado.

Nunca até hoje foi quebrado esse pacto.

As aves sempre voam e voarão ao largo sabendo o seu porquê, e nesse seu caminhar sempre choram, há dias que as penas azuis são tantas que arrasam aquele céu triste pintando-o de roxo como se quisessem fazer quaresma. As penas caindo por todos os lados menos lá e no mar, esse mar que fica mesmo ao lado, que se toca num estender de braço.

Os habitantes desse terreno agro e macabro são os finados, não os mortos, os mortos já lá não estão, é que todos eles verdadeiramente nunca chegaram a morrer, a morte não está nas mãos de ninguém, sejam eles o que forem, e tenham toda a força do mundo. Somente a injustiça faz a força prevalecer, tudo porque nem um deles foi feito para amar ou para a morte, mas sim para glorificar a um Deus que nem eles próprios conheceram, embora lhes falassem dele desde que nasceram, com catecismos embrulhados em actos de confirmação, ave Marias e Padre nossos baralhados nos rosários de terços.

As novenas pelas tardinhas, assim como as missas ao Domingo, sem esquecer as confissões de desobriga, eram as primeiras páginas ditadas.

Estavam ali apenas porque se foram desta terra antes da ajustada hora do julgamento, e todos sabiam que ao passarem essa linha marginal feita a cinza e cal, nunca mais poderiam voltar atrás, como também sabiam que jamais conhecerão a morte. São trôpegos caminhantes das noites, sonâmbulos vestidos a palhaços de injustiça, vivendo no que lhes ditaram os seus próprios eventos. Ao nascerem juraram não serem seguidores do radicalismo, gritando com toda a força, no primeiro grito que lhes saiu dos pulmões, derramando aí as primeiras lágrimas nesse choro de vida.

Ao longe, a compreensão jubilada vive confortável, o julgar e criticar sumia-se na verdade de uma espada em punho, retratando uma dignidade exuberante, radiando luz sobre a terra, fazendo valer a justiça em frente do exército que combatia ferozmente. O outro, o do outro lado, do lado dos rebeldes, usando vestes negras, e capacetes endemoninhados, carregando montões de diabruras e armas de línguas de fogo, que lhes saiam dos olhos, usadas como catanas afiadas, entre eles próprios, para provar as peças de lume vivo.

Os de negro movendo-se no fundo dum precipício clausulado, nunca paravam, passavam a maior parte do tempo

blasfemando, enquanto levantavam a amarga construção de torres altíssimas ornamentadas de escadas soldadas com chamas saídas das suas bocarras sem dentes, com carnes podridas caindo aos taçalhos, de mãos sangrentas lá iam guindando-as às paredes, à terra, onde se colavam tremendo com medo. Pareciam antenas gigantes prontas para captar a escuridão e sombras delas próprias.

A espada dourada e brilhante com o padrão de vencedora dava o sinal de ataque ao ser erguida, o exército luzidio todo de branco, de um só golpe empurrou a escuridão no abismo descomunal, arrastando com eles as escadas e as torres movediças, enquanto via-se milhares saltando do alto, caindo dando gritos medonhos, ao partirem-se na terra com tremendos golpes fazendo aluir tudo à volta e espalhando brasas furiosas que cuspiam labaredas de línguas pintadas a lume, vomitadas de medo, deixando ver todos esses cabeçudos medonhos e cornudos moverem-se como loucos na fuga, atrás o rabo chamuscado entre as pernas negras de cinza e lume.

Mas não, não pensem que essa luta era travada no cemitério desses pobres sonolentos onde as tais aves sempre voavam ao largo, era noutra vale muito mais longe, mesmo muito mais longe dali.

Nesse cemitério de que vos falo a luta era outra.

Se alguma vez um de nós por lá passasse, e trouxesse os ouvidos bem à escuta, no silêncio aperceber-se-ia que de vez em quando, havia suspiros bailando ao redor, flutuando em cada gota de ar que se respira, fazendo de rebentos saídos dos poros da terra barrenta que lhes dava vida, envolvendo-os ao peito com uma vontade muda e louca; Ou mesmo até se ouviam como vindos de longe ecos de mímicos riscos de lamentos inconsoláveis e espasmódicos, ou o mesmo respirar desconsolado de cada um de nós que com o medo se iam esparramando por todo o recinto sem conhecer um princípio ou um fim, baralhando-nos sem dó, que nós sempre ficávamos sem saber de donde saiam esses ais. Quanto mais tempo ficávamos à escuta, mais sentíamos que nos tocavam os ouvidos sem medo, que se ouvia cantares solenes e místico, tocados por mãos alheias mas tão pertinho de nós, sentíamos os sopros penetrando como golpes de sons endiabrados de uma sinfonia louca, desordenada e pertinaz, derramando guinchos, estampidos, cuspiendo arrepios. Nas noites de Inverno como deveria

ser? Talvez lhes ajudavam os ventos... porque quando tudo estava seco e silencioso parecendo saídos de míseros instrumentos ou fabricados das gaitas “*sensaborias*” que alvoraçadas e pestilentas, arrebatavam sem dó as vibrações aos talos das ervas que nasciam sem medida em cada campa amarga e doce de cada um.

Lá nunca houve um silêncio sepulcral nem nunca o haverá para quem tenha ouvido, como também nunca houve uma harmonia sinfônica, tudo era e é algo mais polifônico desde que impuseram o lugar como descanso perpétuo, se é assim que querem que lhes diga. Se não eram os suspiros, os lamentos, e os ais, eram os risos que se elevavam, com o consentimento das gafas que habitavam aquela terra barrenta e sudorífera. Era terra de finados, onde diáfanos se levantavam assexuados e epicenos, pegajosos e babados, que se tivessem a razão, viveriam enjoados, eram fermentos naquela terra triste, quase sempre esfarrapados, passeando lado a lado, quando não era com o bater dos ossos que se conheciam uns aos outros, era o tilintar de dedais e um com outro.

Quando falavam, faziam-no sem sentido vagarosamente por línguas cansadas, em sons rouquíssimos e graves, ricas de tenores flutuantes vindos de longe, andando em bolandas, que embatiam num e outro, ressaltando sem sentido, atrapalhando-os nas forças perdidas, deixadas num caminho sem andar, esperando no pódio descontentes um tal final.

Tinha-lhes entrado a **dislexia** sem aviso algum apenas lá chegaram, ela vinha cambaleando até eles pela genética da terra ensebada de vísceras, metia-se neles, sem eles mesmo o saberem, sem mágoas começavam a confundir-lhes o certo com o errado, o princípio com o fim, confundiam-lhes as cores, o cantar de pássaros, as flores que lhes depositavam na campa fria, ao ponto de que quando as confusões se encontravam no epicentro, aí ficavam espavoridas, com olhos brilhantes e arregalados, fitando um ponto no firmamento, quase sem fala, cruzando palavras com braços ao peito, e esticados gestos rígidos que se estancavam, enquanto a terra ilusória tremia só para eles. Viviam mergulhados na desordem, sem saberem a verdade de cada qual, o nome de cada coisa, num vai vem louco e enigmático, embrulhados na cortina transparente do além, que teimava em não deixa-los ver o farol da luz do começo, arrojando-lhes às mãos cheias panfletos, que os



levavam ao caminho do mal de **Alzheimer**, para lhes rebentar de uma vez por todas a pouca da memória, maltratando-os sem piedade, faziam-nos andar sem destino num outro corredor do tempo, apagando-lhes os dias e as horas, até que gastos deixavam de se conhecerem a si próprios.

Gastos e solitários vagavam desmornados como flores murchas que nem a dor sabia trazer em si. Nesse preciso momento, era quando lhes aparecia como magia o quebranto da **Amnésia**, matando-lhes a mente tão rápida como entrou, sem deixar prova alguma para nada, e nada lhes segredava a lembrança.

Por vezes nas noites quentes, sentavam-se na escuridão, desatinando uns com os outros, ou cansados, das maldades esquecidas, comportavam-se como crianças e choravam no regaço dos ossos que sentiam mais perto. Havia quem os visse jogando ou tentando jogar às cartas, deitando fumo pelas bocas cavernosas, saboreando os cigarros perdidos no acaso, sempre andavam chocalhando os ossos, sem precisarem de arrepios de frio, nem se preocupavam do aconchego dos poucos farrapos que traziam,

- Que é o frio? que é o calor? Que é melhor frio ou calor? Onde estou?, Quem Sou?

Se alguma vez se juntavam nas noites escuras à volta de luzes gasógenas, extraídas dos seus próprios suores e carnes, eram nos momentos mais lúcidos quando lhes brindavam os anjos dias de festa, para que sentissem a presença dos que os rodeavam, sem importar quem era quem.

Dormiam em macas penduradas como podiam, umas por cima das outras, era como se estivessem acolhoados uns aos outros, os ossos de um tocavam no outro, o do outro voltava a tocar num terceiro, e assim sucessivamente, fazendo com que estes retinisses como campainhas assustadoras no silêncio das noites.

Todos os anos, o dia dos finados ficou como o único dia concedido por autorização superior, de poderem sair desse perímetro talhado somente para eles, donde viviam em prisão inculcada à alma e corpo até o dia final. Era para eles o dia dos duendes, ou o dia da transformação, porque ao pisarem fora da linha marcada a ferro e fogo, tudo ficava diferente. Caso fosse lua cheia, atravessavam o portão e diferentes escorregavam até o mar, sentavam-se nas pedras polidas e admiravam as ondas que se levantavam para quebrarem diante deles, calados, ouvindo o bater

do mar que lhes traziam remorsos e esperanças que choravam. Havia dos que aproveitavam parte dessas horas para visitar as suas velhas moradas, os terrenos de cultivo, e criticar as mudanças os que ficaram.

Somente nesse dia, depois do toque das Ave-marias, era quando saíam um a um dando graças pela coincidência do dia de liberdade, e mostrando a Deus que como mortais continuavam seguindo as pegadas da sua morada, regozijados festejavam a próxima vinda do messias.

Nesse dia, apenas passavam a linha do portão, os seus rostos cadavéricos transfiguravam-se, para voltarem a luzir os velhos rostos de quando partiram, os seus corpos ficavam cobertos de belos mantos brancos luzidios, a dislexia curava-se, o mal de Alzheimer desvanecia no espaço aberto e sumia-se, a Amnésia era guardada atrás do velho portão de ferro numa campva vazia, e lá iam eles serenos, com os rostos dos velhos retratos mas tão translúcidos como um mais fino cristal.

Tinham até a meia-noite o comando da luz do tempo.

Nesse dia, logo após o pôr-do-sol, a uma hora marcada todos eram reunidos e em procissão seguiam em fila, um atrás do outro pela velha rua, seguindo a batucada do exímio comandando. À frente com um timbale marcando o compasso da caminhada um jovem de não mais de 10 anos, ao lado de um homem idoso e alto com um bordão que lhe ultrapassava de altura, sem nunca perderem o ritmo, compassadamente chegavam até a Igreja com cânticos da ladainha mas sem um parar, nem por um simples segundo que seja. Os passos leves e silenciosos eram rasgados pelos sons dos paus usados como bordão, que cada um levava, velho ou novo, tinham-no na mão direita, chamavam-lhe bastão da vontade.

Nesse dia o portão da velha igreja sempre estava aberto e de um a um entravam solenemente, cada um procurava o seu canto e aguilhava-se, mergulhando no silêncio piedoso, até que o homem de bom porte, idoso, alto e magro, com uma barba branca e longa, voltava a ditar a voz de comando, levando-os a recitar orgulhosamente a oração que Jesus a todos nos ensinou. Terminada a oração, levantavam-se e começavam com a ladainha, só depois desta terminada é que de um a um voltavam rumo ao campo santo, na mesma marcha e com o mesmo importância e presunção de

como vieram. Ao chegarem ao velho portão de ferro, deixavam cada um a face e o manto, que se desprendia milagrosamente, desaparecendo sem ninguém saber como, e voltavam a receber a dislexia, o mal de Alzheimer e a Amnésia patenteava cada um por sua vez sem omissões.

As flores que nesse escarpado doloroso e doentio se desprendem delirantes, são opacas e avarentas, parecem carnívoras, ninguém as tocava por pavor, jamais foram e jamais serão odoríferas, trazem o receptáculo sempre triste e amordaçante, fechado a tudo e a todos, com um cálice quase nulo, envolto em corolas parecendo gigantes sem o serem, vivem ornadas de cores vivas, quase sempre mostrando a todos aos que lá passam, a mesma cor arrebatada aos jazigos dos depósitos de sangue, de que se alimentam ano após ano, sem remorsos nem canseiras. Nunca ninguém as viu chorar por água, como nunca ninguém as viu derramar uma simples lágrima fosse por quem fosse.

Se algumas de cores diferentes saiam à tona daquela terra triste e sebácea, por pecado ou injustiça duravam apenas horas, porque lhes comiam o medo, e a maldade, sem ser preciso esperar que lhes devorassem sem compaixão os parasitas que viviam colados à terra gritando sem carinho.

Cada vez mais se afundava o nível desse campo triste e amortalhado que se dissociava sem saber, ano atrás ano, sem nada nem ninguém alguma vez sequer dar-se de conta da falsificação, quando todos faziam igual, corriam à debandada as berlindas das argamassas, dos sacos, das estatuetas, dos martírios e dos falsos pensares, com velas que se prendiam ou se apagavam, a água salobra que se colocava em frente para saborear o bem, e afugentar o mal, a moeda de prata com cara à mostra procurando a sorte, os ovos partidos num copo de água retratando o futuro, eram deixados ao sereno, o boneco de cera com os alfinetes ao lado de uma foto.

Os vermes sem rancor, devorando a própria terra sem sangue, sempre esfomeados num mundo de desespero, eram verdadeiros cientistas dos despedaçamentos selvagens das carnes frias que sempre lhes chegavam sem encomenda que chegavam em caixões sem rótulos, a tábuas de pinho, forrado a pano preto, sem dizeres, a não ser uma cruz envolta em cetim branco, e guarnecida por uma mortalha dourada que seria pregada ao centro como emblema de uniforme, mas que sempre deixavam para o último,

como se fosse a chave do portão principal, cravando-lhe deliberadamente quatro pregos contra as únicas duas meias portas que nunca traziam nem dobradiças nem trinco, e tudo era feito justamente um pouco antes de as cordas o baixarem à sepultura.

Os vivos, que sempre por lá apareciam como visitantes às campas, ora da mãe, ou do pai, do irmão mais novo, do tio, do padrinho, do afilhado, daquele fulano e sicrano que alguma vez conheceram, vinham sempre com manta preta comprada a um adelo, desses que por lá apareciam com coisas esquisitas, elas sempre de lenço preto envolvendo toda a cabeça, escondendo-se entre os traços das linhas das malhas, usando pretextos das vaidades, ingratidões, recordes e remorsos. Sempre vinha o latejar das “fontes”, sentiam entrar o medo que lhes percorria o corpo e fazia que tudo tremesse desde a cabeça aos pés.

Sabiam que também de igual modo a covardia lhes trará degoladas a esse mar de silêncio, como também sabiam quem e qual o punhal que um dia as desterrariam, para que se podrissem igual aos demais, porque “quem a ferro fere a ferro é ferido”, o silêncio que presenciavam o iriam viver em carne e osso nesse tempo dos tempos, “olho por olho, dente por dente”.

No princípio levavam com elas somente as migalhas que lhes pegavam nas solas dos sapatos sem o seu querer, e lá iam, de vez em quando ouvindo os teimosos gritos empoleirados apregoando por onde quer que passassem, ao mesmo tempo que semeavam com assobios de medo e raiva tremores de pensamentos que deixava tudo sem sangue. Tudo parecia querer cair sem forças e sem sentidos, e viam-se a si próprios estendidos e frios tão entesados como peça de roupa engomada com goma. Estavam postos num banco qualquer no centro da sala, com duas velas acesas, uma em cada lado, o copo com Água-benta a um lado com uma cruz de alecrim na banca que fazia a vez de hissope. O corpo que nem bulia, estendido e coberto de ponta a ponta por um lençol de linho sem um furo de agulha de bordadeira.

Conscientemente empancavam sacos e sacos dessa terra lamacenta e oleosa, levavam como ladrões os remorsos, sempre às escondidas entre os casacos e as sombras das noites escuras, caminhando em procissão, onde um ponha o pé o outro acabava de retirado o seu, com uma precisão sincronizada, sempre com os rostos lavados em ondas de lágrimas, saindo em tornados nesse

cantar chorando os idos. Outros, sempre haviam em demasia, individualistas, gaitonos, retorcendo-se em demasia, sátiros que embirravam com o eterno afazer vil, e cobarde, cobrando sem remorsos os choros dos que se iam.

Apagavam a luz enganosa que traziam consigo, e pegavam nas suas costas a tatuagem sem sentimentos, onde a água não mora num céu sem anjos de branco.

Enquanto o tic tac do ponteiro dos minutos se recomponha, dando aquele balanço final, que com eles traziam rajadas de ventos, adoçando os primeiros raios de sol que picavam a terra de cores, alternando-as com cada impulso de fluxo de sangue bombeado nas veias, na construção dos pensamentos de cada habitante de Bazaul guiando-os determinadamente na direcção dos idos. Aí, a sós, quando por fim o velho tic tac pendurado na montanha sagrada chegava com a (varancada) do balanço, meditavam roubando as forças ao empoleirado desalmado. Sentiam o viver entre o martelo e a bigorna, procurando arrastarem-se nos salva-vidas esquadrinhando as margens do viver e do agarrar-se seja lá em que for, seja qual seja a escolha acertada.

**- Em nome do Pai, do filho,  
e do Espírito Santo.  
Louvada seja Deus nas alturas.  
- Ámen  
- Te rogamos Senhor.  
Pel as almas dos nossos irmãos que se encontram no purgatório.  
Que descansem em paz.  
- Ámen  
- Te rogamos Senhor.  
Pel as almas dos nossos irmãos principalmente as mais  
abandonadas,  
Que descansem em paz.  
- Ámen.**



## PINCELADOS DO ALÉM

### SEGUNDO CAPÍTULO

Telégio, homem já de uma certa idade, alto e magrizona com cabelos brancos empoleirados sem remorsos por todo o couro cabeludo espalhando os anos. Vivia só, passava o seu tempo escrevendo e fazendo poesia, era louco maníaco para apaixonar-se sem compromissos com tudo o que respirava amor, e sempre assinava com o pseudónimo de conde do Corvo. Fez voto por não comer carne de espécie alguma, e o peixe era escolhido. Neste sábado sentado à mesa da cozinha beliscando um prato de sopas d' alho, acabado de tirar da pequena panela de ferro fundido, brincava com a colher esperando que arrefecesse um pouco, quando de repente, a mesa começou estremeando e levantou-se uns centímetros, foi quando surgiu quase como uma sombra que aos poucos se foi transformando e dando forma.

Estava na sua frente uma mulher coberta por um manto negro, o corpo era algo como translúcido, tendo acabado de sair da parede oposta. A princípio ficou um pouco perturbado, mas conseguiu reagir a tudo isso, fitou-a, sem lhe tirar os olhos de cima, até que a mulher sentindo que ele estava pronto a recebe-la

aproximou-se, puxou uma cadeira e sentou-se à mesa mesmo em frente dele.

- Se pensas matar-me de medo, estás enganada, o medo não vive em mim, mas em ti ou naqueles que o reclamam.

A mulher de manto negro portadora de olhos fundos, com o semblante pálido e aflito, baixou a face em sinal de cumprimento e disse-lhe com voz cavernosa.

- Ajude-me, que o medo ainda é meu e não o quero espalhar.

- Quem és?

- Sou uma alma quase perdida, vagando na terra que deixei à busca de ajuda, e venho a ti por ela.

- A mim? você vem pedir-me ajuda... Eu, que nem me posso ajudar a mim próprio, como poderei ajuda-la...isto é que é bonito...eu ajudando uma alma que nem conheço... de uma outra que é minha e também não conheço... mas vá lá, antes de tudo responde-me a isto,

Primeiro porque pensas que te poderei ajudar?

Segundo, que posso fazer por ti?

Terceiro, não me venha com contos falsos, porque antes de tudo deves jurar em nome de Jesus Cristo o redentor, filho de Deus único e onnipotente criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

- Quero dizer-te que em primeiro lugar tu, somente tu és quem pode ser o túnel para essa grande ajuda, foi o anjo de Deus que me trouxe até ti porque segundo ele, somente com a tua ajuda é que terei a paz que tanto desejo. Por isso aqui estou e rogo-te que por tudo o que mais queres, me ajudes. Segundo para que me ajudes tenderás de sair deste lugar e ires até uma outra aldeia que não fica muito longe daqui e fales com alguém que me pode abrir essa esperança aberta à minha alma, que é como o pão da vida eterna, e terceiro, assim como me pedes, eu juro aqui em tua presença em Nome do abençoado Jesus Cristo filho unigénito de Deus o Altíssimo criador de todas as coisas, o Redentor dos mundos, como tudo o que te estou dizendo é verdade, e que neste momento estou aqui por vontade dele, e por vontade dele o meu anjo da guarda que sempre me acompanha até nas mesmas horas escuras, e mais tristes do universo, dando-me ânimo e segurança, guiando-me incondicionalmente aquela que outrora não quis



escutar. Ele enviou-me a ti para que me ajudasses, e também aqui está comigo.

- Não percebi nada, a não ser a tua jura, mas vamos lá por partes, afinal qual é a ajuda que tanto precisas e que só a minha pessoa te pode ajudar?

- Tenderás que ir à aldeia de Bazaul, quando lá chegues, procura por uma mulher já idosa, que vive no sítio dos Rebos com uma filha que casou por lá, o nome dela é Redemira, mas para melhor compreenderes toda esta história, te contarei que essa Redemira era a minha nora no tempo em que andava sobre a terra como mortal, depois contar-te-ei o resto desta história logo que te explique o que tenderás de fazer. Ora quando lá chegares, entrega-lhe esta medalha.

Abriu a palma da mão e mostrou a medalha.

- É muito importante que lhe entregues esta medalha, porque com ela saberá quem sou, ela conhece-a como as palmas das suas mãos, e para que fiques a par de tudo o que te digo, essa foi a medalha que um dia há já muitos anos dei ao meu querido filho, que coitado sempre usou ao pescoço até à cova. Diz-lhe que vais mandado de mim, quando ela te perguntar o que quero, diz-lhe que vais para que ela me perdoe todas as calúnias que eu semeiei por toda a parte quando estava no mundo dos vivos e que as minhas maldades só fizeram dizimar a sua felicidade.

Que me perdoe da má fortuna e do mal que lhe deitei ao peito, porque enquanto não tiver o seu perdão não me poderei salvar, viverei sempre no campo dos miseráveis, onde corre o rio do desespero e onde o medo e as tristezas se juntam às trevas, aí é onde vivemos condenadas a navegar no mar das desgraças sem ter mais que a nossa sombra caminhando ao nosso lado e sem ter uma luz que nos guie, onde a escuridão só nos leva até o túnel do Érebo que me cobre de suores frios somente em pensar nessas trevas medonhas e más.

Os grãos de areia de uma praia são poucos, comparados aos suplícios no além-túmulo, as trevas são o mar de maior sofrimento da alma. Oh Deus todo-poderoso deixa este coração absorver esta dor cruel, mas deixa esta alma desgarrada e triste, que já mal pode seguir nesta caminhada aproximar-se da tua sombra. Nem uma simples flor silvestre recebe a minha campã, uma estrelícia do campo, que nasce por si só... no dia que ponham na minha campã

uma simples flor, esse dia será um dia de luz para a minha alma e caminharei com mais luz nestas trevas que tanto me fazem sofrer.

A luz é o néctar com que matamos a sede, eu quero assomar-me às delícias da luz, com o coração trôpego posso seguir caminhando, mas sem a tua luz a minha alma morre. Tenho sede, deixa-me saciar-me nem que seja de longe, vista como de dentro de um túnel, que já para mim será uma felicidade, e o saber que realmente um dia terei tudo isso é o suficiente para tirar a dor que sinto em mim.

Escuta esta prece desta pobre alma e por favor, diz-lhe que junto com as suas filhas, minhas netas me perdoem e rezem por mim sete terços, que mandem fazer nove missas pela minha alma, sei que não têm dinheiro, mas em pouco tempo aparecerão uns bens que andavam esquecidos, o que as farão encarar uma vida muito melhor, além que depois de te recompensar, tu também lhe entregarás algo que lhes cabe.

Conta-me mulher desconhecida toda a tua história, conta-me de maneira que possa entender mais a dor que tanto falas e que dizes sofre.

E escutou a sindérese de Tamina

- O meu nome é Tamina, há muitos anos quando vivi nesta terra dos vivos, vivia em Barana no sítio dos Ros, sei que conheces muito bem esse lugar, também sei que passas por lá, de vez em quando, mas isso agora não vem ao assunto, assim que continuando, fiquei viúva aos 29 anos com o único filho que tinha ainda na tenra idade. Trabalhei noite e dia lutando como uma leoa sem parar, tanto lutei que me esqueci de mim mesma, para podermos viver para o meu querido filho e lhe dar o melhor. Cresceu, tornando-se um jovem forte e lindo, e os meus desvarios começaram, à força queria que ele casasse com uma mulher rica, era uma nossa vizinha, e tudo só porque queria que ele tivesse um melhor futuro, mas os anos passaram e ele muito teimoso casou com uma jovem de famílias pobres.

Como nunca estive de acordo com esse casamento, porque como já disse há pouco sempre quis uma mulher rica para ele, mas ele enamorado teimou seguiu a sua avante e casou, e desde esse dia fomos como estranhos... o Amor é tão nobre que por vezes nós os pobres não o reconhecemos por esse nome...passados cinco anos, com o fim de melhorar a sua vida, foi para o estrangeiro, deixando

lá na aldeia onde vivíamos a mulher e duas filhinhas de dois e três anos de idade.

Como meu filho era muito trabalhador, em Venezuela depressa arrecadou dinheiro para comprarem uma linda casa não muito afastada da minha, que poderíamos dizer quase vizinhas. Minha nora vivia bem, não tinha dificuldades nenhuma, era bastante minha amiga embora sabendo que nem a podia ver. A revolta que cada dia crescia dentro de mim por me sentir só e abandonada, longe do meu filho... nessa altura andava cega e queria-o só para mim, queria estar junto a ele, a distância ainda mais me encheu de ciúmes de mãe que me comiam em vida.

Por noites e dias andei planeando com faria para acabar com ela, para assim voltar a ter o meu filho de volta, foi quando comecei a escrever-lhe muitas cartas com nomes dos diferentes amigos que aqui ficaram, mas oh bom homem acredite que um dos meus tormentos é o de trazer lendo essas cartas até que estes olhos vedados à luz, por horas e horas por castigo se ceguem. Ah!, se tivesse sido mais meiga e carinhosa, se tivesse amado a minha nora e netinhas como deveria ter amado, tudo teria sido diferente, mas aquela minha loucura cega, não me deixou ver a verdade, e escrevia cartas e mais cartas noites e dias, metendo nelas o carregamento de todo o veneno maligno a que podia dispor, aproveitava-as para contar-lhe sempre o mesmo, que a mulher o estava enganado com outro homem, que já antes de ele embarcar já sabiam, mas se calaram, por pensarem ser mentira, mas que agora sabiam toda a verdade, diziam-lhe que ele tomasse cautela, e ouvisse os conselhos da sua mãe que tanto o queria, que a mulher é como o diabo, anda sempre enganando e mentindo, com duas caras, fazendo-se de santinhas só para quem a vê e não a conhece, nas minhas intrigas ponha o dizer do adágio.

«Quem é e consente é corno para sempre, mas quem é e não sabe, mais cedo ou mais tarde, terá a liberdade»

Nessa altura vivia louca e obcecada, apesar da minha idade não via o mal que tanto fazia a ele, à minha nora e às minhas queridinhas netas, pobrezinhas que ainda sofrem pelas minhas maldades e diabruras apestantes. Oh Senhor que a todos abraças, porque não me mediste antes de o mal germinar e crescer como um pinheiro-silvestre... porque não me arrancaste da terra em que

destrui a melhor parte desta alma... nessa altura ainda estava em tempo.

Oh. Céus! perdoa-me mas seria melhor nessa altura ter pegado num punhal e rasgado esta carne até encontrar o coração que trazia, um coração duro e daninho, e arranca-lo do corpo, tirar-lhe sem piedade os ventos maldizentes, as tempestades nele incendiadas, os estrondos dos malfeitores trovões, e as blasfêmias talhadas a fogo de relâmpagos... seria melhor arrancá-lo e incinera-lo para que nem contaminassem a terra. Ah como vivo neste desterro por tantas maldades que fiz...porque não deixei o meu coração viver à farta, na fé e na esperança...viver sentindo a alegria das minhas netas... mas não, segui inquebrantável com essas vestes, nunca quis muda-las, sempre com aquele casaco negro cobrindo a alma de manchas e pecados, a mesma blusa manchada de desejos e sofrimentos... que fácil seria usar roupa limpa como a palavra que sai da boca do criador, mais puro que o linho e tingidas de paz.

mas nessa altura estava cega por velhaca e louca doente pelo mal de torturas e que com razão me cairiam em cima, egotista que eu era, nessa altura todo o meu ser lutava contra tudo, estava cega, tinha olhos mas não via, queria o meu filho cegamente que o destrui por estúpida e malvada, por isso lhe mandei tantas e tantas cartas, sem sentir remorso algum desse mal que lhes fazia, pobre de mim, que com as minhas malícias e desgraçadas mentiras, quis convencê-lo a qualquer custo, sem olhar a meios, desprezando medir as tiranas consequências, até cheguei a espalhar por toda a aldeia, contando em segredo a fulana e a sicrana, com o propósito de que depois também elas contassem às suas amigas e assim segundo os meus pensamentos as notícias chegariam a outras amigas das amigas e com esta trampa que tinha montado chegaria o momento que todo o povo fosse sabedor de tudo que apesar de serem calúnias, ficariam pintadas aos olhos de todos eles como verdades.

Um dia porem, para verificar com os seus próprios olhos as mentiras que eu tanto lhe andei pintando nas malditas e tiranas cartas com nomes de tantos dos seus amigos, com o teimando serem verdades, comprou uma passagem e chegou à aldeia sem que eu nem ninguém soubesse... não sei como se disfarçou, o certo

é que nada nem ninguém se apercebeu. espreitou a casa e os seus arredores noites a fio procurando nunca ser visto.

- Então tu não soubeste que ele chegou?

- Não!, nem eu nem ninguém se o soube...ele fez tudo em segredo. Queria ver com os seus próprios olhos e vingar-se ele mesmo.

- Desculpa interromper, continua.

Ora como eu era essa malvada que se vestia de homem nesses meus afazeres malditos e sem sentido, e que hoje, como já te disse há pouco, pago em tormentos desmesurados, que só Deus sabe o meu suplício mas tão bem merecido. Ao que antes fazia por capricho para que o povo comprovasse, vaidosa e contente nessas caminhadas ingratas, vivendo espalhando a vingança e desgraça, com regozijo e sem rancor, hoje choro e ando sem repouso nesta escuridão do além esperando uma brecha ao longe, mas reconheço o errada que andava...

Pagar o merecido, não é dever, é castigo, por isso só quero que ela me perdoe, que minhas netas me perdoem para estar em paz com a minha alma, para pelo menos poder sentir ao longe a sombra da luz eterna. Por isso o filho do Altíssimo mandou um anjo e ordenou-me que me aproximasse de ti, porque ele viu em mim o arrependimento e o reconhecimento de culpa.

- Continua mulher.

- Nessa noite fui até a casa da minha nora, fazendo o mesmo como tantas outras... Ao recordar-me correm-me as penas dos tormentos, a minha alma estremece de frio. E o meu peito comprime-se de uma dor que desatina como uma trovão, procuro o remédio para o meu mal, procuro a luz do altíssimo que sei que está ao longe...mas continuando a minha triste história, Nessa desgraçada noite que mais valia nunca ter existido, no momento de meter a chave na fechadura da porta, que como já disse antes, sempre fazia entrando como uma ladra, como uma assassina, como uma desgraçada e malvada, aproveitando esse silêncio manhoso das noites escuras, para que nem ela nem as meninas darem pela minha presença, e esconder-me por umas horas e só depois é que voltava a sair. Foi quando tudo aconteceu.

- O que foi que aconteceu?

- Aconteceu a desgraça, essa noite foi diferente das muitas outras, que até a própria lua nem quis presenciar, foi a noite escolhida para o meu terrível castigo, foi a desgraça.

- Como foste escolhida para o castigo? Explica-te.

- Meu filho estava à espreita, escondido esperando que tudo passasse como eu lhe dizia, estava algemado de pés e mãos às mentiras medonhas que lhe inculquei por meses, veio cego de ira, sobrecarregado no desejo de vingança, esmagado à dor que trazia em si. Aí no silêncio dessa endiabrada e maldita noite, esperava quase sem respirar pela hora e pelo homem que eu tanto lhe disse nas minhas cartas, queria arrancar-lhe a vida, a mesma que esse desconhecido lhe arrancou sem remorsos... mas foi esta, esta somente que lhe arrebatou a mulher que tanto amava... queria tirar a vida fosse de quem fosse sem que o desgraçado tivesse tempo de saber o porquê, para que nem satisfação conhecesse na hora dessa morte engrenou, só assim se sentiria satisfeito... poder arrancar-lhe o coração de um só tiro.

- Como já disse, nessa noite fazia uma escuridão tremenda, mas para que saibas quanto é a que vivo, essa escuridão é dia comparando às minhas no além. Ora além de escuro por falta da lua, misturava-se a aragem fria da noite, por aviso ou não, senti na altura que essa era diferente às tantas outras, mas obcecada e louca continuei nessa minha caminhada miserável, não vi viva alma por toda a travessia, cheguei até a porta como já disse.

Volto a repetir, fui devagar igual como das outras vezes, com a vingança estampada em mim de contente, e como já muitas vezes que lá fui foi da mesma maneira, tornei-me experiente e nada tinha a temer. Mas no momento em que me aprontava para meter a chave na fechadura, ouvi:

- Hoje pagarás!,

Dei um grito ao receber algo quente em mim, ouvi um estrondo luminoso, mas nem deu tempo de sair uma única palavra, nem de dor desta boca desgraçada, e maldizente, que por ela hoje choro e me consumo neste labirinto de dores e lágrimas, trevas e mágoas onde fui a minha própria algoz. Nesse mesmo instante ainda cheguei a reconhecer aquela voz que me falou, mas era tarde, tudo foi tarde.

O estrondo de tiro de pistola, a bala que se encaixou em mim trazendo-me o pensar de uma simples picada que se aquecia,

que me trespassa o coração, que me tirou todo o alento e tudo à minha volta se tornou imensamente frio, tudo ficou sem sentido e caí.

Meu filho matou-me e ao fazê-lo também matou o malvado fantasma mascarado vestido de negro com fato de homem, chapéu enterrado na cabeça, botas com polainas, para que ninguém conhecesse quem era quem, que só serviam para todas as noites caluniarem a sua querida e adorada mulher.

Quando me virou, para ver-me a cara, ainda o senti, mas só uma golfada de sangue se atirou sem uma só palavra . Foi quando viu que eu era essa pessoa encarnada naquele traje, e que fui a mim quem ele matou. Jogou a pistola, blasfemou e foi chorando até a casa de um vizinho todo banhado em lágrimas, pedindo que chamassem a polícia, tinha matado a sua própria mãe a tiro, soluçando contou-lhes toda a história a mesma que eu já te contei, que afinal a sua Redemira estava inocente, tudo tinha sido culpa da sua mãe a Dona Tamina, e todos nesse dia puderam comprovar a inocência da minha nora.

Quando a polícia chegou, encontraram-me estendida no chão, num charco de sangue, ainda com as chaves na mão, apertando-as sem as querer largar, o bigode postiço ainda preso somente por uma ponta, e parecendo tal e qual ao homem que pormenorizadamente lhe descrevi nas minhas cartas malditas...

- Que sentiste nesse momento?

- Que senti... senti-me desgraçada e baralhada o que levou algum tempo nesta etapa, a princípio não sabia o porquê de estar sendo levada, ouvir tudo o que falavam à minha volta, mas sem poder responder... o que sim começou a doer foi quando pude ver-me nas maldades passadas, flutuando com elas nos vales sem luz, onde nem uma estrela brilha nem o silêncio da lua passa. Exactamente depois de um anjo todo resplandecente vestido de branco e de espada em punho dar-me a ordem desse desterro nesse vale de trevas, há anos que assim vivo desprezada e malvada por tudo e todos, vagando nessa imenso negrume onde só sinto dor e agonias, penando de remorsos e de maldades, doendo-me toda a alma de amarguras, tristezas e aflições que rebentam em todo o meu ser, tapando-me mais a luz porque ao longe, mesmo muito longe, quase no fim de um túnel sei que há a luz dos que gozam a vida eterna, e eu mergulhada na escuridão dos montes selvagens,

sem uma árvore de fruta que seja, sem um riacho onde possa beber e tire toda esta cede do peito deste meu espírito.

- Afinal onde estás? No purgatório ou no Inferno?

- Não estou num nem em outro, todos nós ao morreremos temos dos caminhos a escolher, igual como aqui na terra, cada um fica com o que escolhe, se quer o perdão tem de padecer ao reconhecer o erro, ter esperança e esperar que seja perdoado, se não tem esperança é porque não se importa reconhecer o erro, e o que sim importa para eles é pertencerem ao batalhão da escuridão formarem-se em anjos negros, aí é quando já não poderão ser perdoados nunca mais. Ficarão nesse reino escuro onde as suas almas não sofrem pelo que fizeram na terra dos vivos, mas pelo contrário sentem prazer vendo sofrerem os outros, são anjos negros, e seguem desejosos de uma guerra entre os anjos do Altíssimo, mesmo sabendo que perderão, a maldade vive neles como o pão de cada dia.

- Quer dizer que todos podemos seguir o Altíssimo?

- Sim! E como seria bom que todos nós seguíssemos firmes e constantes a voz de Deus. Nos pensamentos, e nas acções, no dever de cada um, saber como amar, começando por nós próprios até podermos chegar ao Altíssimo. Amar é necessário, é o alimento da alma, mas primeiro há que aprender a amar... é o primeiro mandamento como é o último, todos estão sobre o pilar do amor. Aquele que não sabe amar-se, nunca poderá amar o próximo, e ao não amar o próximo estará longe de amar a Deus.

- Já compreendi, continua com a tua história.

- Por muitos anos estive lado a lado com o meu pobre filho na prisão, sem que ele me visse ou mesmo pensasse, sentia-o cá dentro deste peito que a terra já devorou, e tudo por minha culpa. Eu, carregando-me todo esse tempo de mais penas e dores, que ainda mais me matavam a alma já moribunda... ele, sofrendo por saber a verdade e odiando-me a cada minuto que passava. Foram muitas as penas e fadários que já passei, e muito que ainda terei por passar por centenas de vossos anos, o tempo de Deus não é como o nosso, mas com o seu perdão passarei a trazer comigo a vela da esperança que me guiará nesta minha caminhada pelos mares das trevas e nas negras noites de suplícios e não terei mais medo.



A luz da esperança estará sempre a meu lado, sei que só com o perdão poderei ganhar essa vida eterna, e como vedes aqui estou à tua mercê, apieda-te de mim e ajuda-me, porque a minha alma neste momento vive somente atada por um fio frágil e gasto.

- Pensas que ela te perdoará? Já passaram tantos anos, tantas tristezas, tantas necessidades, a alma humana por vezes é contraditória...mas... eu não concebo a ideia de poder esquecer os meus amigos, mas sei perfeitamente bem que devo esquecer os meus inimigos. Porém também sei que os meus amigos ou inimigos se podem esquecer de mim. Por vezes o esquecer, é um Dom. Eu por acaso careço parte desse Dom, só esqueço uma metade, a que leva os inimigos, as ofensas, os desgostos e tantas outras coisas mais que não servem... Quando abro essa arca dos anos está tudo como novo... somente as minhas rugas mudaram.

- Sei que me perdoará por ser uma boa mulher, e porque também o povo soube a verdade, soube-a na minha morte, soube-o meu filho que já está no mundo que vivo, mas que não o posso encontrar, ele felizmente vive na luz da razão, o que eu luto por um dia também poder encontrar.

- E porque não pede perdão você mesma à sua nora?

- Porque a minha condena, se multiplicará se o fizer, são ordens do Altíssimo, o todo-poderoso, disse-me o anjo que o pedido não pode ser feito directo pela minha pessoa, mas sim por um intermediário, por alguém como você, é assim que está escrito na lei a meu nome, e somente você pode fazer tudo isso em meu nome. Caso ela não me queira perdoar aí o meu sofrimento continuará aumentando como tem vindo desde o dia que o anjo me degredou, que por cada vez que ela e as minhas netas se recordem das minhas maldades, todas as minhas penas se multiplicam por sete vezes sete, como também se multiplicarão por todos os ais que saiam das suas bocas pelos males que lhes causei.

- Porque me escolheste?

- Não fui eu que te escolhi, como já te disse antes foi o anjo que me trouxe a ti por seres o recipiente honesto escrito no livro do Altíssimo para mim.

- Como pode o anjo saber?

- Os anjos sempre sabem de tudo, não como Deus, mas sabem o que Deus lhes autorizou que soubessem.

- Está bem, não te quero fazer mais perguntas... já juraste em nome de Jesus Cristo, além de que insistes... insistir é um direito de cada um, seja com vida sou sem ela, assim que amanhã mesmo cumprirei o teu pedido.

- Obrigada que Deus te pague.

- Sabes, para te dizer a verdade lembro-me de uma história assim parece que passou há muitos anos. Era rapaz ainda novo nessa altura... provavelmente é a mesma...

- É a mesma e muito obrigada, que Deus te pague pelo bem que me fazes.

A imagem desvaneceu por completo ao sumir-se na parede caiada do quarto da cozinha, ficando tudo como dantes. Comeu a sopa d'alho, bebeu um vaso de vinho, e mergulhou meditando no assunto.

Nesse dia Telégio não pôde dormir pensando em mil e uma coisas, até chegou a pensar que tudo não passou de sonho, uma alucinação...ou até que se teria voltado louco, mas acreditando em si próprio fez com que realmente acreditasse em tudo o que a alma lhe tinha dito, analisou o assunto dos pés à cabeça, até que cansado e rendido adormeceu com a cabeça sobre a mesa.

No outro dia quando acordou, recordou-se do que tinha passado na noite anterior e de princípio voltou a pensar ter sido sonho. Levantou-se da velha cadeira, acendeu o velho fogão a lenha, levou uma pequena panela já toda preta do fumo levou-a ao lume e preparou café bastante forte. Ainda era madrugada, assim que numa pequena sacola foi enfiando umas (andanas) de roupa, um pão de farinha de centeio com um taçalhão de queijo caseiro, uma garrafa de litro de vinho tinto, meia dúzia de peros e depois de ter bebido o seu café com pão do dia anterior e dois ovos fritos é que se meteu a caminho de Bazaul.

Nunca parou nem para descansar, não era homem para descansos, pelo caminho ia reflectindo em toda a história e agora como resolveu ser parte dela, queria chegar ao final o mais depressa possível, de vez em quando mesmo sem parar tirava uma fatia de pão da sacola, metia a garrafa à boca e seguia no seu caminho. Passavam das cinco da tarde quando lá chegou, e sem demora perguntou à primeira pessoa que encontrou no seu caminho onde ficava o sítio dos Rebos e se conhecia uma senhora viúva chamada Dona Redemira, Espirrizo foi o primeiro que encontrou mas não soube como responder-lhe, foi Coro que mesmo sendo surdo-mudo, vendo que o forasteiro precisava de ajuda, levou-o até o seu amigo Japaia, mais conhecido na aldeia por Minduba, que lhe despejou cantando a informação desejada, e oferecendo-se por guia-lo até lá, afinal não foi preciso caminhar muito, estava mesmo nos Rebos.

Dirigiu-se à casa que lhe mostrou Minduba, bateu à porta, e esperou.

Quando lhe abriram a porta encontrou-se com uma mulher já muito idosa, de cabelos brancos e olhos triste, muito magra, e pelos gestos parecendo uma mulher reumática e doentia.

- Muito boa tarde, é a Senhora Dona Redemira?,
- Sou sim senhora, o que é que o senhor deseja?,

- Desculpe incomoda-la, chamo-me Telégio do Monte, vim aqui correndo, levo quase doze horas caminhando sem descansar um minuto que fosse, e olhe que nem mesmo eu próprio, posso acreditar se existe ou não razões para estas minhas andanças, mas se existem, tenho a certeza que elas próprias saberão englobarem-se na compreensão das muitas outras razões que só a Senhora Dona Redemira neste momento tem o poder de conhecê-las. De não ser assim, não saberei porque o faço. Antes de tudo, queria que tivesse a bondade de escutar a história que me fez chegar até aqui e depois entregar-lhe algo.

- Conte lá homem de Deus, que estou preocupada e assustada, espero que não tenha acontecido nada a minha filha.

- Nada disso senhora Dona Redemira, olhe que nem sei como começar, eu próprio estou algo baralhado, tudo isto teve começo ontem na altura da ceia, quando estava sentado à mesa, tive uma visita de um espírito que como já lhe disse era uma mulher, e me falou da Senhora, era uma senhora também idosa, vestia de preto, andava rodando aí à volta dos sessenta e cinco anos se é que não me engano, estivemos frente a frente, por um bom tempo... onde me contou tanta coisa, quase que a sua vida e fez que eu aqui viesse, mas antes de lhe contar toda essa história que ela própria me contou, aqui está o que ela me entregou para que eu vos desse, disse-me que você conhecia esta medalha, e que ao recebe-la saberia de donde vinha.

- Tirou um saquinho que trazia na algibeira do gibão, abriu-o e tirou uma pequena medalha de prata, limpou-a com os seus dedos calejados e trabalhadores, e entregou.

Redemira, recebeu-a com as mãos trémulas, olhou-a, e desatou a chorar, com a voz desfeita perguntou,

- Quem lhe entregou esta medalha, uma mulher?, quem era essa mulher?.

Telégio tentou dizer algo mas foi interrompido pelo,

- Oh desculpe-me Senhor, entre por favor, desculpe a casa estar tão abatida, por favor sente-se nesta cadeira, assim estará

mais à vontade, e como esteve caminhando por tantas horas para chegar aqui, precisa descansar as pernas, mas como dizia, o senhor dizia-me que foi uma mulher que lhe entregou?...como se chamava?.

- A mulher que me entregou...bem, melhor dito, um espírito de uma mulher, vestia de preto, não era muito magra, mas tinha uns olhos fundos e tristes, disse-me chamar-se Tamira...que era sua sogra... veio pedir-me para que viesse aqui e lhe pedisse em nome de Deus que você lhe perdoasse todo mal que ela lhe causou em vida, e que sem esse perdão nunca mais poderá salvar-se, será para a eternidade, segundo ela me contou ontem pela tarde, a sua alma viverá eternamente condenada na escuridão, onde os suplícios se multiplicarão por cada vez que a senhora se recorde dessas maldades, e que por cada ais dos desgostos que elas causarem ela no além-túmulo sentirá também sete vezes sete penas mais.

Com muita calma, contou tudo pormenorizadamente, o que no dia antes o espírito de Tamina lhe contou, levou pouco tempo, mas pareceram horas e horas, quando terminou, Redemira estava lavada em lágrimas.

Esperou a resposta, mesmo sabendo qual era, mas antes pediu para que não chorasse mais, porque o seu chorar agravava a alma do espírito de Tamina.

- E porque demorou tanto a pedir desculpas?

- Porque não estava autorizada a fazê-lo antes da hora marcada.

- Antes da hora marcada?,

- Sim, como fiquei a compreender, tudo está marcado a cada um, e ninguém pode fugir ao que Deus marcou depois de cada passo dado aqui na terra, o que, se não me engano, temos dois caminhos a fazer, e em cada um que escolhermos, temos de cumprir o que está marcado atravessando esse caminho.

- Como disse que se chamava?,

- Sou Telégio do Monte, mas todos conhecem-me simplesmente por Telégio.

- Senhor Telégio, se é para que minha sogra se salve, claro que desculpo, e perdoo, quem sou eu para negar semelhante acção, Jesus quer que perdoemos, morreu para nos perdoar todas as nossas faltas, ensinou-nos que não devemos julgar o nosso

próximo, que devemos amar os nossos inimigos, que quando temos algo para lhe oferecer, primeiro reconciliemos com o nosso próximo e depois é que lhe ofereçamos o que temos para ele.

- Senhor Telégio diga-lhe que lhe perdoe todo o mal que fez e todo o mal que me chegou com todo esse mal, não só a mim, mas a toda a minha casa, que a sua alma fique em paz com Deus.

- Em meu nome e em nome da alma da sua sogra quero dizer-lhe muito obrigado pela vossa compreensão e bondade e que não foi em vão tudo o que eu fiz.

- Que Deus lhe perdoe, como eu lhe perdoei, amanhã irei com as minhas filhas e juntas rezaremos os 7 terços, também falarei com o Sr., Cura, Dom Mindo, como ele compreende melhor do que eu, saberá quais os dias mais certos para as celebrações das nove missas, tenho a certeza que nem quererá pago por elas coitado do senhor cura que também está bem acabadinho...da velhice e de tanto lutar por todos, tenho visto que o bom homem até reparte o que tem por os mais necessitados oxalá todos fossem como ele, o único contratempo que tem é com um copinho de vinho, para depois andar sozinho a falar com os santos segundo dizem por aí, não que eu o visse, assim que amanhã irei ter com ele e caso queira algo pois um remedeia-se conforme pode e tudo se arranjará com a ajuda de Deus, que como dizem por aí,

« O pouco com deus é muito, e o muito sem Deus é nada.».

- Como há pouco disse, ela falou-me de uma herança que a senhora irá receber em breve, assim que dentro de pouco terá uma vida muito melhor, além de que ela também fará que me chegue algo e que desse algo eu hei-de lhe dar uma boa soma, de maneira que não se preocupe e pode ficar descansada que lhe virei entregar o mais depressa possível.

- Não se preocupe com o dinheiro, o importante agora é fazer todo o possível pela sua alma. Olhe não o quero maçar, mas se o Senhor quer e tem tempo de esperar por um cafezinho quente, posso fazer num instante, desculpe, mas é a única coisa que de momento posso oferecer, a terra já não dá nada, e mesmo que desse, já não posso trabalhar nela, os meus dias estão contados, já não faço ceia por muito tempo, agora vivo à conta de Deus, como falta pouco tempo, nem me arrelie, entrego tudo nas suas benditas mãos, quando cheguei a esta aldeia vim com uma filha que casou por cá, cheguei sem conhecer ninguém, e desde esse tempo aqui

vivo e Deus sempre me tem ajudado, todos os dias entrego-me a ele nas minhas orações, ele saberá como me ajudar.

Telégio levantou-se, agradeceu a Dona Redemira, desculpando-se por ainda ter muito que andar, queria atravessar o Roxão antes da noite, o que para isso teria de apertar o passo, não podia perder tempo, e despediu-se contente consigo mesmo e com a salvação da alma por quem tinha intercedido.

Voltou a seguir o mesmo caminho de volta à sua casa, ora cantarolando, ora silbando sem sentir cansaço, e quando já estava fora da povoação, sentiu que alguém vinha ao seu encontro, reconheceu Dona Tamina vestida da mesma maneira, com as mesmas roupas. Sem medo esperou que se acercasse um pouco mais. Quando já estava perto disse-lhe:

- Já está tudo bem Tamira, acabo de falar com tua nora Redemira, e ela perdoou todas as tuas faltas, disse-me que amanhã rezará junto com as suas filhas e que também falará com o cura, um tal Dom Machatim para a celebração das missas para a tua alma.

- Eu sei bom homem, estava ao teu lado, vi e escutei toda a tua conversa, por isso queria agradecer-te o muito que fizeste por mim.

- Vai em paz, Tamina, que não tens nada que agradecer, que Deus te dê a luz que tanto necessitas para que vivas na sua bendita paz.

- Oh Telégio, sempre terão de agradecer a quem nos faz o bem, receber é relativo ao dar, ninguém pode receber sem dar, por isso, há que dar para receber.

Quando chegares a casa, tira com cuidado a pedra que cobre a lareira da tua cozinha, debaixo dela bem no fundo a um canto à direita, encontrarás uma caixa em ferro já ferrugenta, abre-a, dentro dela há suficientes jóias de muito valor, vende-as aos poucos, conforme fores necessitando, não vendas tudo de uma vez e guarda a caixa sempre no mesmo sítio, para que ninguém te roube, assim terás suficiente para viveres até o dia que Deus te chamará, também dá o dinheiro à minha nora da venda das sete prendas de onde estão encrostados dois diamantes e quatro rubis, mas dá uma de cada vez. Às minhas netas queria que lhe desses a cada uma um colar em ouro que estão com uma prenda de

diamante, esses são para elas, não os vendas, e diz para que nunca digam a ninguém a origem dessas prendas, é muito importante.

- Mas porquê?

- São ordens do anjo!

- Também eu terei de fazer o mesmo?

- Tu não, porque venderás as jóias, mas não poderás usar em ti nenhuma dessas prendas, porque não foram feitas para teu uso, mas para teu serviço. Não te esqueças disto.

- Compreendo, mas também quero dizer-te que não fiz isto para que me pagasses.

- Eu sei. Felizmente agora posso ver o que dantes não via. São muitos os convidados, mas poucos os escolhidos, Deus é amor, humildade e paz. Quando amamos ajudamos, quando somos humildes reconhecemos, e só quando temos a paz é que podemos viver em felicidade.

Tantas vezes ouvi o sermão da montanha, com as Bem-aventuranças, e como parva pensava sabê-lo, até cheguei a recitá-lo de cor, mas não bastava o pensar, e o recitar sem alma, era preciso aplica-lo ao coração com amor e graça...

Oh pobre Telégio, muito mal já tenho feito, que fazer um só de bem não levantará o prato da balança, ainda tenho muito que fazer para equilibrar esse prato, para que a minha alma viva na luz e na paz De Deus. Já tenho a luz de uma estrela para alumiar-me, quase que já deixo ver a minha sombra ao passar, já posso caminhar devagar sem pressas, caminhar contente e feliz porque tudo à minha volta me está sendo dado, agora posso ver-me com os meus próprios olhos porque a carícia de quem me criou voltou a lhes dar uma nascente de luz.

A imagem se foi diluindo pouco a pouco no seio da tarde, até desaparecer por completo.



*Por ordem do cura Mindo, que por essa altura era o cura mais velho dos arredores, quando vivia o tempo em que todos o respeitavam, até que de um momento a outro tudo mudou, foi como se incrustasse um inverno de pesadelos, e passaram a vê-lo com desprezo.*

*Mas antes desse dia, ainda reuniu o povo e de um a um, balde a balde, empurrando-os às costas deste, à cabeça daquela, não descansaram até levarem tudo, enchendo o velho cemitério, com a misturada dos restos de defuntos que tinham adormecido, com todo este alvoroço nunca foi encontrado um só gemido nas muitas migalhas de ossos fragmentados e das caveiras desmanchadas do tempo.*

**Não matarás!**  
**Não levantarás falsos testemunhos!**

## PINCELADOS DO ALÉM

*“Mestre vimos um homem usando o teu nome para expulsar demónios e tentamos para-lo porque ele não era dos nossos.*

*Jesus disse:*

*- Não o parem, todo aquele que não está contra nós está connosco.”*

## **Mapa geral**

Para que compreendam melhor, há que descrever alguns dos personagens dessa aldeia.

Um deles era o Coro, não sei se realmente era esse o seu verdadeiro nome, sei que todos o conheciam como tal. Podemos dizer que era o homem mais solitário desse lugar, tinha 25 anos, vivia do trabalho à casa, e da casa ao trabalho, pelo menos foi como todos os velhos me contaram, tal e qual como lhes contaram os seus pais por várias vezes me afirmaram. Era um homem muito forte, com músculos bem salientes, dando-lhe um bom porte, tinha pouca barba, o que lhe dava a aparência de ter menos de vinte, com cabelo preto lúcido e fortíssimo, pescador desde que saiu da barriga da mãe, e humilde por natureza. Foi sempre respeitado por todos, bem poucas foram as vezes que visitou uma taberna, como também nunca ninguém o viu à zaragata com fulano ou sicrano, andava sempre atarefado que nem tinha tempo para vagar.

Surdo-mudo desde nascença, era o seu único defeito, se era que a isso lhe podemos chamar, vivia pobre mas honrado, não tomava, não fumava, vivia o dia-a-dia risonho e despreocupado, foi amante de Teliana por um curto tempo, quanto a ela lhes apresentarei mais tarde, nunca conseguiu dar-lhe um rebento, de qualquer das maneiras bem pouco tempo durou esse amor de inverno que com a primavera arrastou consigo ares de mudanças e

com elas o de preferir a viver só antes que mal acompanhado, correram murmúrios que de vez em quando foi visitado às escondidas por umas moças, mas nunca houve provas disso.

Japaia como lhe chamavam uns, e Minduba, como lhe chamavam outros, era o oposto de Coro, homem folgazão, aparentando mais idade da que realmente tinha, vivia pensando no vinho de manhã à noite ao ponto de haver dias de nem poder encontrar-se a si próprio, no entanto era homem de boa fé que Deus o tenha, nunca causava problemas a ninguém, a não ser como já vos disse a si próprio, tinha uma bondade incrível, e um coração como bem poucos lá na terra.

Contaram-me que numa das suas idas e vindas de bebedeiras, quando vinha subindo o portal que dava para a sua casa, uma das vizinhas apiedando-se dele fez-lhe um sermão para que ele se emendasse, mostrando-lhe toda a canzoada que o vinha seguindo com risos e pateticos, puxando pondo e tirando, fez-lhe ver o ridículo em que se encontrava. Ele sempre com cara de quem vive despreocupado, e com uma calma dos diabos entre o sim e o não, com uns dentes brancos escancarados, levantou a cara com ar de orgulho e disse:

- O que lhe vale vizinha é que está aqui toda esta rapaziada, porque se não estivessem aqui à minha volta, mandava-a mas era para a caixa do caralho por se meter na minha vida.

Diga-me cá uma coisa vizinha, quando foi a vez que eu me meti na sua?

Vivia numa casa meia abandonada mais conhecida por cinzeiro, que para chegar a ela, tínhamos de subir pelo pequeno beco dos pios, assim se chamava essa pequena vereda, mas porque diabo lhe deram esse nome é que ninguém sabe. Ficava logo à saída do sítio dos Sinos e um pouco mais da entrada do sítio dos Rebos, assim que manhosamente quase que tocava nos dois sempre que estendia os braços.

Quando era moço, e o vinho pouco ou nada lhe passava pela cabeça, foi capaz da proeza de numa só noite pedir em casamento sete moças, e todas elas sem saberem umas das outras lhe deram o sim. Quando o sol rompeu a aldeia, todas elas tinham ficado para casar com o mesmo homem, era só seguir o rastro da cinza, costume usado nessa altura nessa aldeia quando alguém ficava para casar, deitavam uma linha de cinza desde a porta da

moça até a porta do moço, assim a notícia era conhecida pela manhã, ora neste caso foi o que deu motivos de andarem em brincadeira de boca em boca por muitos anos como o Ás das sete.

Uma outra personagem que vos quero apresentar é Teliana de quem já falei anteriormente, e como lhes prometi, pois digo-vos que era uma mulher muito linda, quiçá a mais linda da aldeia, digam o que disserem mas segundo fontes fidelíssimas tinha um corpo que valia escudos, mesmo com os seus 42 anos e poucas ou melhor nenhuma lhe tirava o mando, apresentava-se fisicamente o que hoje podemos dizer como verdadeiro modelo, e sem termos de recordar que a experiência conta.

De pele morena, trazia uns olhos verdes penetrantes, cabelos de um louro escuro e provocativo, peitos firmes e bem formados sempre aguçados querendo picar o tempo enquanto apontavam ao alto, havia quem dizia que eram como lanternas davam luz à escuridão... peço desculpa se vos faço água na boca... Mas tinha umas pernas tão bem torneadas e divinas que segundo o que me contaram, pareceram terem sido feitas por medida, se falarmos das mãos, as suas meu Deus, como sabiam revolver o Mundo. Trabalhadora e lutadora assídua desde que nasceu foi o que me disseram todos os velhos por lá, brincalhão por instinto, sempre viveu à sua maneira, tinha três filhos e todos eles de diferentes pais, mas de brígona e rebelde também ninguém a ganhou, foi mais uma das suas habilidades, deram-lhe a alcunha de Papagaia, por mexeriqueira que era. Por tudo arranjava namoricos, casamentos, ou então que esta era uma puta, aquela um coirão, a outra uma merda, aquele por ser maricas...perdeu a noiva, o outro que fez bem em meter-se com ela...

A Marim é uma outra personagem que merece aparecer nesta pequena história desta migalha de terra, oh!, segundo os velhos testemunhos da data, a Marim era bestial, nunca soube o que era erotofobia, por isso todos a chamavam de Marimba, era uma jovem esbelta com os seus 21 anos mesmo acabadinhos de fazer quando esta história teve lugar, com aqueles ares sempre de menineira, usando os vestidos muito curtos e decotados, quase mostrando as cuecas, num tempo em que todas as mulheres por costume andarem de saias compridas, foi muito falada, mas depois como tudo, tudo o vento leva, e os peitos também querendo saltarem lá de cima com o bendito propósito e prazer de passar o

tempo namorando com todos... mas esperta como era, tinha sempre cautela e cuidado de saber escolher com quem iria para a cama.

Quem não sonhava com Marimba não era macho, era o que costumavam dizer por lá por essa altura, um dia veio um inglês, um desses com muito dinheiro e levou-a consigo, dizem que viveu feliz e muito rica, mas quem sabe...

Havia outros também muito falados, como o Juiz de Paz sempre muito carinhoso tipo fariseu, solteirão por profissão, era o Sr. Caeto, ao que apelidavam de Sr. Cafal, um Dom João de primeira, e como diziam por lá, dinheiro e mulheres só tem quem pode, porque lá para a lei só garoupas.

De tanto desleixo morreu só com a criada ao lado, e aos olhos de todos só apareceram um punhado de moedas de reis e um montão de tostões e matostões no cofre da casa, como se aquela porcaria valesse ouro...

A Dona Faluz, apelidada Faluna, era a parteira da aldeia que posso apostar que foi a primeira a dar a mão à maior parte deles. Era uma senhora já idosa, viúva desde os 30 anos, era barriguda e trazia um bigode um tanto saliente que lhe roçava a ponta do nariz, tinha uma pele muito branca e uns cabelos branqueados e sempre trançados com prisões de alfinetes debaixo de um lenço esmaltado de flores.

A vontade e amor à profissão veio desde a nascença, era o que sempre dizia, pois trazia sempre consigo aquela eterna prontidão para qualquer chamada sem importar a hora. Vivia do seu trabalho de parteira que quase sempre era paga com produtos caseiros.

Infelizmente não viveu muitos anos, e com a sua morte apagou-se uma das mais honradas profissões de toda essa aldeia.

Uma outra era a Dona Rébola nunca teve inimigos, dava-se bem com todos especialmente para poder exercer a sua profissão. Passava todo o santo dia de porta em porta sempre lendo a mão esquerda de quem aparecia à sua frente, (*a pobre só sabia ler a mão esquerda, e toda as mãos esquerdas por lá cansavam-se só de vê-la*), além de trazer aqui e ali aquelas mesmas ordens de que a palma da mão deveria estar sempre bem estendida, para melhor poder ver as riscas que os calos queriam esconder.

Enquanto ela caminhava levezinha batendo em todas as linhas ajudada pelos seus dedos quase fechados pelo reumatismo,

que se aproximavam, fazendo de lente e poder ver melhor, (*a dona já mal podia ver*), das mãos passava como tómbola à cartomancia.

O baralho de cartas quase já nas últimas de tanto andar voando, (*sempre trazia consigo era um baralho normal, neles não havia aqueles desenhos coloridos que sempre mostravam as ciganas quando lá passavam*). As cartas mal caíam à mesa e espreguiçavam-se como loucas em qualquer cantinho faziam festa, ela que pouco a pouco ia juntando uma a outras lendo a vontade.

Oh minha filha esta diz isto e aquilo, mas este dois de espadas mesmo ao lado deste nove também de espadas é trampa segura... este dois mesmo ao lado do As de espadas haverá uma carta de longe, dentro de 15 dias, como também poderia ser 15 horas, ou 15 meses... um dinheiro a chegar, assim mostra este sete de ouros à direita... um dois de paus ao revés uma surpresa de um parente afastado, parece ser viúva e também está uma outra mulher de preto que está sempre contra ela, que havia de tomar cautela... Quando toda a lengalenga terminava havia que dar-lhe um quilinho de massa como paga, e lá ia ela contente com algo ganho.

O Sr. Mindo era o cura do lugar, coitado, era um pobre diabo que entre sacristia e altar tinha sempre de usar um copo para o balanço. Por vezes transformava-se em São Domingos, e até chegou uma altura que quis fundar uma outra inquisição. Um dia fez uma procissão para benzer o lugar e vingar-se dos letrados, trazendo com ele todo o povo louco cantando... mas tudo teve fim, e um dia o povo fartou-se de todas as suas loucuras e não o aguentou mais.

Morreu velho e demente, deixando a fortuna à criada.

O carteiro do lugar era um homem como um cangalho, alto e bem botado, mas que sofria de algo parecido a Parkinson, tremendo e babando-se sem medida, deve ter sofrido muito coitado, trabalhou enquanto pode, por vezes quando ainda era carteiro procedia como o anjo de paz para todos os que lá viviam, morreu novo coitado, que Deus o tenha nas suas bondosas mãos.

Calapa foi o coveiro do lugar por uns bons poucos de aninhos, era um jovem de altura moderada, loiro, com cabelos encaracolados, com um pouco mais de 25 anos, trabalhador assíduo, morreu jovem de um tumor que lhe cresceu mesmo junto ao coração. O seguinte coveiro foi um outro homem mais idoso, de nome Zineiro, tinha chegado à terra por encomenda até que por



lá casou e ficou metido entre os mortos e os vivos até que também passou ao lado oposto.

E Por último Epirrizo era tipo (porrão), foi mais um que apareceu assim sem mais nem menos, quase como perdido, e nunca mais quis sair do lugar por não saber como voltar a onde nasceu. Desde que ali chegou mergulhou no parkinsónico até que lhe brindou a morte, abandonado e com aqueles gestos de tremelicas foi sempre como o conheceram por lá.

O resto da aldeia já o sabem, era como muitas outras que também andavam rondando por lá e que acabaram por se renderem ao presente, deixando de lado o passado.

## **Bazaul, Lugar que escolheram para formarem um lugar**

### **Os cinco Sítios**

*Aparos*-----*Agricultura*  
*Fatacaz*----- *Agricultura*  
*Taful*----- *Agricultura e pesca*  
*Sinos*----- *Agricultura e pesca*  
*Rebos*----- *Pesca, pouca agricultura*

### **As principais personagens da aldeia**

1. *Lacunda*-----*A jovem enamorada que morre de amores*
2. *Sigamo*-----*O jovem amante da Lacunda*
3. *Redemira* -----*A nora da alma*
4. *Tamina*-----*A alma*
5. *Telégio*-----*O homem que ajuda a alma, não é de Bazaul*
6. *Mindo ou Machatim*-----*O Sr. cura*
7. *Sílio* ----- *O carteiro*
8. *Calapa* ----- *O primeiro coveiro*
9. *Zineiro*----- *O segundo coveiro*
10. *Teliana* ----- *A maior bilardeira e espevitada do lugar*
11. *Marim ou Marimba*-----*A mulher namorada*  
*Rémola* ----- *A mulher que lê as palmas das mãos, e a sina*
12. *Celíria ou Celígero*-----*O anjo da morte*
13. *Japaia ou Minduba* -----*O bêbado da aldeia*

14. *Coro* -----*O mudo*  
15. *Caeto ou Cafal*----- *O juiz de paz*  
16. *Faluna ou Faluz*-----*A parteira da aldeia*  
17. *Epirrizo* -----*Um outro personagem*

### Configuração de páginas

- 1  
2  
3 - 4  
5 - 6  
7 - 8  
9 - 10  
11 - 12  
13 - 14  
15 - 16  
17 - 18  
19 - 20  
21 - 22  
23 - 24  
25 - 26  
27 - 28  
29 - 30  
31 - 32  
**33 - 34**  
35 - 36  
37 - 38  
39 - 40  
41 - 42  
43 - 44  
45 - 46  
**47 - 48**  
49 - 50  
51 - 52

53 - 54

55 - 56

57 - 58

59 - 60

61 - 62

63 - 64

65

66

67

68 - 69

70 - 71

72 - 73

74

